



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

MARCÍLIO SOUSA DE ARAÚJO JÚNIOR

**ELOGIO AO EGOÍSMO:
REDESCOBRINDO UMA FORMA DE PENSAR
(Max Stirner, Ayn Rand, Richard Darwkins)**

**SÃO BERNARDO- MA
2020**

MARCÍLIO SOUSA DE ARAÚJO JÚNIOR

**ELOGIO AO EGOÍSMO:
REDESCOBRINDO UMA FORMA DE PENSAR**
(Max Stirner, Ayn Rand, Richard Darwkins)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA – Campus São Bernardo) em cumprimento das exigências para obtenção do título de licenciado em ciências humanas com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wandefilson Silva de Miranda.

SÃO BERNARDO- MA
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Sousa de Araújo Júnior, Marcílio.

Um elogio ao egoísmo : REDESCOBRINDO UMA FORMA DE PENSAR Max Stirner, Ayn Rand, Richard Darwkins / Marcílio Sousa de Araújo Júnior. - 2020.

68 f.

Orientador(a): Wandeílson Silva de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo - MA, 2020.

1. Autoestima. 2. Egoísmo. 3. "Eu". 4. Racionalidade. I. Silva de Miranda, Wandeílson. II. Título.

MARCÍLIO SOUSA DE ARAÚJO JÚNIOR

**ELOGIO AO EGOÍSMO:
REDESCOBRINDO UMA FORMA DE PENSAR**
(Max Stirner, Ayn Rand, Richard Darwkins)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA – Campus São Bernardo) em cumprimento das exigências para obtenção do título de licenciado em ciências humanas com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wandefilson Silva de Miranda.

Aprovado em: 19 / 06 / 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wandefilson Silva de Miranda
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Tedson Maykell Braga Teixeira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dra. Alina Miranda
Universidade Federal do Piauí – UFMA

SÃO BERNARDO- MA

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente desejo agradecer a minha mãe, Maria Auxiliadora da Silva, por ser a principal base que tenho na vida, sem ela não existiria a possibilidade de eu estar aqui e a minha irmã, Ana Carolina Silva de Araújo que sempre me apoiou e me inspirou com sua forma de pensar.

Ao meu professor orientador, Wandelson Miranda que além de grande inspiração também foi um grande orientador. Sempre paciente e seu auxílio nesse processo foi fundamental para sua conclusão.

Ao meu grande amigo de infância, companheiro de curso e da vida Mikael Cardoso que sempre me apoio e ajudou no decorrer de todo curso, me apoiando em momentos difíceis que tive neste meio tempo.

“Quando você está estudando alguma filosofia pergunte a si mesmo, somente. Quais são os fatos? Qual a verdade que os fatos revelam? Nunca se deixe divergir pelo que você gostaria de acreditar ou pelo que você acha que traria benefícios as crenças sociais se fosse acreditado”

Bertrand Russell

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal desfazer uma visão que ficou impregnada com relação ao verdadeiro significado de egoísmo fazendo reflexões que terão como objetivo trazer uma melhor compreensão para com o mesmo. Para isso é importante analisar o significado de egoísmo, depois tentar refletir sobre o significado das ações dos indivíduos, este é o meio mais adequado para se compreender que as ações dos indivíduos estão sempre dotadas de interesses pessoais, mas não apenas isso, que o egoísmo genuíno o qual me dedico explicar não significa barbárie, mas o único meio de se conseguir a felicidade. Este trabalho se divide em três partes, a primeira, intitulada *Max Stirner e a filosofia do “Eu” próprio*, apresenta o egoísmo como um problema moral e mostra como ela influencia o indivíduo a perder sua autenticidade. Na segunda *O Egoísmo Segundo Rand: A Ética Objetivista* mostrará a importância da racionalidade para o processo de afirmação do “Eu” e a terceira parte *Richard Darwkins e o Egoísmo Como Fator Genético* é a confirmação da filosofia de que todos são egoístas.

Palavras chave: “Eu”. Egoísmo. Racionalidade. Autoestima.

RESUMEN

Ese trabajo tiene como objetivo principal deshacer una vision que se quedó impregnada con relacion al verdadero significado del egoísmo haciendo reflexiones eso tendrá como objetivo traer una mejor comprensión a con lo mismo. Para eso es importante analizar lo significado del egoísmo, despues tentar reflexionar sobre lo significado de las acciones de individuos, ese es el medio mas adecuado para comprenderte que las acciones de individuos son siempre dotado de intereses personales pero no solo eso, que lo egoísmo genuino cual me dedico explicar no significa barbárie, pero lo unico medio de si conseguir la felicidad. Ese trabajo se divide en três partes, la primera titulado *Max Stirner e a filosofia do "Eu" próprio*, regalos lo egoísmo como un problema moraleja y muestra como ella influye lo individuo perder su autenticidad. El nunes *O Egoísmo Segundo Rand: A Ética objetivista* mostrará la importância de la racionalidad para el proceso de afirmacion del yo y la tercera parte *Richard Darwkins e o Egoísmo Como Fator Genético* es la confirmacion de la filosofia de que todos son egoístas.

Palabras clave: Yo. Egoísmo. Racionalid. Autoestima.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1. MAX STIRNER E A FILOSOFIA DO “EU” PRÓPRIO	5
1.1. A causa individual e a filosofia do “Eu”	5
1.2. Moralidade: A responsável pela desventura humana	10
1.3. A questão do mérito e sua relação com o egoísmo	18
2. O EGOÍSMO SEGUNDO AYN RAND: A ÉTICA OBJETIVISTA.....	21
2.1. O fator Racional/Irracional da filosofia de Rand e sua relação com a felicidade	21
2.2. Altruísmo: falso juízo para felicidade	30
2.3. Produtividade: O trabalho produtivo como fator contribuinte para a felicidade.....	34
2.4. Autoestima: produto maior da racionalidade.	36
3. RICHARD DARWKINS E O EGOÍSMO COMO FATOR GENÉTICO.....	38
3.1. A importância dos replicados e da memética na teoria de seleção natural.....	41
3.2. O propósito de todas as ações dos seres vivos	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir sobre um tema bem conhecido na sociedade, o egoísmo. Estas reflexões buscam mostrar uma visão totalmente diferente de egoísmo, afastando o seu significado e valor da sua conotação tradicional. No decorrer da leitura se poderá observar que todo, ou quase todo conhecimento que se tem referente a esta temática parte da ignorância derivada da falta de reflexão necessária para uma visão de mundo sensata. O senso comum e o fanatismo são os maiores responsáveis por estas visões totalmente contrárias ao verdadeiro significado do tema e mostraremos como isso acontece.

Aqui mostraremos que o egoísmo é o único caminho que se tem para trilhar qualquer objetivo que alguém pretende atingir no mundo, o egoísmo não pode ser reduzido ao seu aspecto egóico e individualista, ele deve ser pensado como uma ferramenta para ser utilizada ao longo da existência, permitindo recolocar os dilemas da vida a partir de uma nova visão de realidade e de si. O altruísmo, que significa seu inverso, sempre aparece como forma de contrapor seus princípios e é claro que os princípios altruístas convencem, além dele não ser uma vítima dos ataques moralistas. A cultura, tal como existe, incentiva o altruísmo como fonte de virtude e solução para as mazelas sociais. Por isso, defender o egoísmo e demonstrar que ele não é um vício (quando bem utilizado) coloca-nos ao lado dos autores não convencionais e contra as prerrogativas essenciais do bom humanismo. O texto pretende ser um convite para uma melhor compreensão do que seja esse *ethos*, pois o egoísmo demarca uma atitude e uma forma de agir no mundo, um tipo específico de caráter, e para se efetivar esse entendimento a mente precisa estar desprovida de preconceitos.

Alguns filósofos serão apresentados por conta do pensamento que manifestam em algumas de suas obras. Esses filósofos contribuem com excelentes argumentos para a forma como se compreenderá o significado genuíno do egoísmo. Ao utilizar autores distintos nesta pesquisa reconhecemos a dificuldade de uniformidade quanto ao conceito do que seja o egoísmo, no entanto, no correr da leitura poder-se-á observar que não tendo um conceito fechado para o que é o egoísmo ainda assim, o uso e a característica do egoísmo aparece como um meio pelo qual o indivíduo constitui uma existência mais plena. De outra forma, a ideia de egoísmo escapa ao conceito, entretanto permite uma convergência de atitude e de prática de vida.

O objetivo deste texto não é fazer com que ninguém mude seus princípios apenas porque os pensamentos apresentados carregam o mínimo de sentido. Este é na verdade um

convite para uma fuga da zona de conforto que prende potenciais que poderiam levar o indivíduo a grandes conquistas consigo mesmo. Assim como permite a possibilidade do leitor se apropriar de um contradiscurso que lhe permita refletir sobre a ideia de egoísmo que o senso comum utiliza e propaga.

Altruísmo e egoísmo são formas existenciais que as pessoas adotam para que possam viver de acordo com estes princípios, mas isso leva a um dilema que tentaremos esclarecer. Já se sabe que a pretensão principal do texto é mostrar que a visão que as pessoas carregam consigo do significado de egoísmo expressa uma visão equivocada, o mesmo pode ser dito do altruísmo, o significado que ele carrega e a forma como as pessoas o veem, tentaremos demonstrar que sua forma é imprecisa e prejudicial. Na verdade, ao longo do texto chegaremos a um ponto onde perceberemos que o altruísmo não passa de uma invenção criada como forma de suprir necessidades moralistas, algo que nem mesmo existe. Dito isto e com relação a estas formas, ou melhor, princípios, que as pessoas adotam para viver, estamos lidando não com altruísmo e egoísmo, mas apenas com formas de egoísmo.

O egoísmo é ruim? Talvez, mas antes de se chegar a qualquer conclusão com relação ao mesmo é necessário entender que ele é o maior responsável pela sobrevivência de todos os seres vivos. Claro que agindo egoisticamente muitos praticam ações que outros julgam erradas, ou mesmo ações que geram resultados não esperados que acabam por prejudicar quando a pretensão que tinha o agente era beneficiar-se e esses são pontos que contribuem com referência as más interpretações. Quanto a isso vale colocar que na verdade esse tipo de egoísmo deriva da perda do equilíbrio do indivíduo, pois o egoísmo que buscamos não é fanático, ele é harmônico, concentrado. A perda do equilíbrio é o maior mal que pode atingir o indivíduo, pois sua perda significa que uma batalha contra o vício foi perdida.

A moralidade possui como corolário a afirmação dos atos de boa-fé, aqueles cujos objetivos são ajudar o próximo, ações advindas das pessoas consideradas altruístas, em razão dessas boas ações tais pessoas acabam sendo rotuladas de abnegadas. Mas a boa ação não é um derivado do altruísmo e muitos não conseguem compreender isso por conta dos anos de doutrina vividos. Se analisarmos a pretensão do agente altruísta em seu agir poderemos enxergar que seu princípio é na verdade egoísta. O problema do egoísmo reside nas más interpretações, pois em nenhum momento este texto procurará convencer de que ações empáticas, gestos caridosos de amor ao próximo, etc., são coisas ruins, o problema existe na forma como se irá classificá-los.

Ao fim de nossa reflexão ficará claro que o significado do egoísmo se deriva de algo bem mais amplo e poderoso, algo totalmente diferente do peso que sempre carregou. Seu significado não pode se limitar a formas de pensamento que o colocam como algo simples de se compreender, como o julgamento de que o egoísta é aquele que só pensa em si e por isso sacrificará os outros por sua causa, humilhará ou fará o que for preciso para se manter. Além disso o egoísta ainda é colocado como aquele que jamais se colocará no lugar do outro, isso no sentido da empatia, a sensibilidade diante da dor do outro é vista como uma característica que o egoísta não possui. Mas estas colocações estão todas carregadas de preconceitos e sugestões precipitadas, pois o egoísta pode sim possuir a empatia e existem diversos exemplos que provam isso.

Começaremos estas reflexões com Johann Kaspar Schmidt, mais conhecido como Max Stirner, foi um importante filósofo alemão precursor de muitos movimentos sendo um deles o Anarquismo. Com Stirner mostraremos uma visão de egoísmo voltada para a valorização do “Eu” que existe em todo indivíduo. Para uma melhor compreensão da filosofia de Stirner uma relação entre *causa* e o “Eu” tem que ser feita, onde *causa* tem como significado o propósito da vida do indivíduo e o “Eu” significa todas as peculiaridades cujo um ser possui, é a sua essência, quem ele é verdadeiramente, o “Eu” do indivíduo é a ferramenta que lhe proporcionará sua alegria. Esta é uma filosofia que busca uma reflexão que pode ser sintetizada em uma pergunta, “qual realmente é a causa que você defende?” Com isso começaremos uma caminhada que buscará mostrar que tudo o que se faz no decorrer da vida consiste em uma defesa de sua própria causa, mesmo que esta defesa ocorra de forma inconsciente. Além disso, Stirner mostra o problema da moralidade neste meio através da doutrinação, que é a responsável por ofuscar a essência do indivíduo, a responsável por toda confusão referente às más interpretações sobre o egoísmo. Toda conduta moral se coloca como superior aos indivíduos e por isso é encarada por Stirner como uma conduta opressora, e por isso se declara opositor a todas.

No segundo capítulo Ayn Rand, filósofa Russa nascida em São Petersburgo, muito conhecida por sua obra *A revolução de atlas* onde Rand começa a mostrar sua filosofia referente ao egoísmo, junta-se a Stirner para compor esta reflexão. Sua filosofia é chamada de Objetivismo e significa um estilo de vida onde as pessoas vivem tomando como base princípios e valores adquiridos através da razão. Em sua obra *A virtude do egoísmo* (1991), Rand trabalha mais uma vez esta filosofia Objetivista que coloca o egoísmo como único fator capaz de proporcionar às pessoas uma boa vida. Ayn Rand apresenta uma filosofia um pouco diferente

da de Stirner, porém, esta diferença não está relacionada a defesa do pensamento egoísta. Ayn Rand não vê o problema do infortuno humano como consequência da adoção de uma conduta moral do indivíduo para si. Segundo Rand, o indivíduo pode acreditar em condutas morais, estes serão seus princípios e eles o guiarão no decorrer de suas vidas. Porém, jamais se poderá chegar a esta conclusão de forma irreflexiva, pois é no irracional que reside a desventura do homem. A racionalidade é o principal fator da filosofia de Rand, pois ele é a única ferramenta que será capaz de anular os falsos juízos cuja moral lança sobre os indivíduos, um destes falsos juízos pode ser interpretado como o altruísmo. Seguindo uma lógica a qual a racionalidade é a responsável pelas escolhas que o indivíduo irá efetuar em sua vida se poderá chegar a um patamar de afirmação de si próprio onde nada mais poderá abalar seu psicológico, Rand se refere a este ponto como autoestima, a autoestima é o que significa em Rand o conhecer a si próprio.

E finalmente finalizaremos com Richard Dawkins, biólogo e escritor britânico formado em zoologia em Oxford (1962), conhecido e trabalhado por conta de sua teoria de gene, além de seus estudos sobre a memética usado para explicar a seleção natural. Dawkins usa o evolucionismo para explicar algumas de suas teorias sobre os diversos fenômenos da vida, contribui com uma visão científica no campo da genética onde seus argumentos levam a uma reflexão sobre a evolução, os movimentos e do que cada ser vivo é capaz. A teoria de Dawkins tem como sua principal base a Seleção natural de Charles Darwin e sua pretensão com isso é mostrar que todo esse processo de evolução e todos os movimentos dos seres vivos que objetivam sua própria sobrevivência tem como seu guia o egoísmo. É claro que sua teoria é muito criticada e algumas falhas são encontradas neste meio, porém, a essência de sua pesquisa, a posição que diz respeito ao tema deste trabalho, não foge a lógica que buscamos e por isso Dawkins é um importante componente desta filosofia.

Antes de começar por definitivo a defesa desta ideia já apresentada é conveniente a ressalva de que este texto tem um caráter ensaístico, ou seja, nele estarão expostas ideias, reflexões, críticas e algumas impressões pessoais, todos estes aspectos tem como finalidade a análise da temática. Além disso, somente desta forma se pôde obter mais liberdade de tornar possível interpretações e críticas mais profundas em algumas passagens. Este não é um tema comum de se ver sendo trabalhado desta forma e o estilo ensaístico de escrita ajudou em seu desenvolvimento, pois proporciona opiniões pessoais num fluxo natural do pensamento.

1. MAX STIRNER E A FILOSOFIA DO “EU” PRÓPRIO

O egoísmo em Stirner significa vida, significa a forma pela qual se conseguirá a felicidade (que concerne em um dos focos deste trabalho) e é por isso que sua filosofia tem grande importância aqui. Este é um pensamento que se difere em vários aspectos da filosofia de outros autores que também serão analisados, mas a essência do significado do egoísmo é carregada de importância na reflexão feita por todos eles, pois significa um modo de vida que deve ser adotado por conta desta mesma essência.

O egoísmo em Stirner condiz com a defesa de uma causa, isto no sentido de que todos possuem sua própria motivação e é isso que determina todas as tomadas de decisão de um indivíduo. Quanto a isto, ainda vale considerar que, de acordo com a filosofia de Stirner, ninguém se importa com a causa de ninguém, somente com a sua própria. Certamente muitos não concordam com estas colocações, mas tal afirmação será mesmo uma mentira? Talvez, mas não se deve confundir o gostar de outras pessoas e a concordância para com os interesses que elas defendem como se isso significasse está preocupado com a causa alheia. Meio a tudo isso o que acontece ainda concerne em uma defesa de um interesse próprio e não em interesses alheios.

Esta é, na verdade, a razão de existirem tantas opiniões contrárias no mundo e tantos desentendimentos. Quem erra ao não concordar com a causa alheia? Ninguém, pois o certo e o errado são, na verdade, questão de opinião. Stirner coloca “Nero é um homem ‘mau’ apenas aos olhos dos ‘bons’”. (STIRNER, 2009, p. 71) E quem pode julgar a realidade alheia se a realidade na qual se vive é totalmente diferente das outras? Para combater esse problema surge a moralidade, que significa se submeter ao que a maioria das pessoas concordarem que é o melhor para aquele grupo ao qual estão inseridos. Como esta é uma causa que pertence a muitos, os mesmos acabam por concordarem, entretanto, aqueles cujos interesses se diferem dos demais não deixarão de existir e isso deve ser levado em conta.

1.1 A causa individual e a filosofia do “Eu”

A causa individual a qual Stirner refere-se significa um preceito de que *ninguém* luta verdadeiramente pela causa do outro, pois todos na verdade vivem em prol de uma luta por *sua* própria causa. Lutar por desejos que não sejam os seus significa aderir a algo cujo significado é colocar sua própria vida em segundo plano. O altruísmo é um exemplo claro do

que Stirner refere-se, é isso que significa lutar por causas que não lhe pertencem, porém, a crença da existência de alguém com essa capacidade é duvidosa.

Antes de mais nada, o significado de *causa* é aquilo que faz com que algo exista. A causa do indivíduo, por tanto, é a sua vida, pois ela proporciona sua existência e a filosofia do egoísmo de Max Stirner se desenvolve a partir deste princípio. Quando se diz que Deus é a sua causa, a referência é a de que Deus é o responsável por sua existência, que é o bem, e por isso suas ações tem o propósito venerá-lo, na verdade, tudo o que se faz na vida, seja de forma voluntária ou involuntária, segue o sentido de prezar pelo que te faz bem. O “Eu” do indivíduo é a afirmação de si, e isso significa compreender que tudo o que se precisa para vencer nesta luta que busca liberdade está dentro de si próprio, o “Eu” é uma causa que tem que ser defendida. Quando Stirner fala de pessoas que lutam por causas que não são suas isso não acontece de forma proposital, mas por que estas pessoas pensam, ainda, estarem defendendo uma causa que é *sua* e não o contrário disso?

Há tanta coisa a querer ser minha causa! A começar pela boa causa, depois a causa de Deus, a causa da humanidade, da verdade, da liberdade, do humanitarismo, da justiça; para além disso, do meu príncipe, da minha pátria e, finalmente, até a causa do espírito e milhares de outras. (STIRNER, 2009, p. 9).

A única coisa que não colocam como causa da existência do indivíduo é a sua própria causa, como se ele próprio não fosse algo que devesse ser defendido, como se sua existência estivesse fora de si próprio. Pensar em si neste caso torna-se algo vergonhoso. Mas será mesmo válida a existência de alguém que defende puramente causas alheias a sua? Isto é algo duvidoso, pois, com relação a esta temática, um dos maiores exemplos a ser apresentado tem significado oposto ao que a moralidade vem colocando em todos esses anos. Esta é uma referência a como Deus, este que é venerado por muitos, defende sua própria causa.

Será Ele um ser alheio à sua própria vontade ou é um Ser completamente absorvido em si mesmo? Talvez as próximas palavras proporcionarão indignação a muitos, porém, se assim ocorrer, esta indignação nada mais será do que fruto de um mal entendido uma vez que o que se tem a falar é que Deus é o maior exemplo de egoísmo que poderá ser encontrado. Deus é usado por muitos como a causa da verdade, do amor, da felicidade, mas estas não são causas que são estranhas a ele. “Deus é, ele mesmo, a verdade e o amor” (STIRNER, 2009, p. 10). Deus, como um egoísta, só defende a *sua* causa, porém ele é tudo e em tudo e por isso tudo é a sua causa. “Como poderia Deus assumir a causa da verdade se ele próprio não fosse a verdade?” (STIRNER, 2009, p. 10). Deus não serve a nenhum juízo exterior a si, sua causa é uma causa egoísta.

Assim seguem todos os outros exemplos de egoísmo, como a própria humanidade, ela não percorre uma lógica diferente dessa, pode até apresentar um discurso que a coloca em outra realidade, porém ela só olha para si própria. Para que ela se desenvolva necessita fazer com que os indivíduos ajam de determinada forma e deste modo acontece. Os povos e os indivíduos se “sacrificam”¹ pela causa que acreditam, como a causa humana, em prol do que acredita o indivíduo é capaz de ir contra qualquer princípio que ameace o seu. “Humanidade” é só um termo usado para categorizar aqueles que seguem este ideal que coloca o indivíduo dentro de um grupo, neste caso, o dos humanos. Faz mais que isso, lança uma ideia que diz que aquele que não segue estes princípios pode ser encarado como a representação do “mal” e pune quem não se enquadra nesta categoria. É assim que age todo tipo de doutrina. O imoral segundo toda doutrina é aquele que não segue suas leis – quem não acredita em Deus é um imoral, segundo a doutrina cristã; o misantropo é um imoral segundo as leis humanitárias, assim como um criminoso é, para aqueles que seguem as leis do sistema judiciário.

Este trabalho procura mostrar que as pessoas são mais egoístas do que pensam ser, que só se pensam em si e em suas vantagens. “É certo que suas pancadas me atingem, não estou livre delas; mas só as suporto para benefício meu, por exemplo, para enganar o enganador e o ter na mão sobre aparência de paciência, ou também para que minha resistência não faça piorar mais minha situação.” (STIRNER, 2009, p. 204.). Se algo nos incomoda e lutamos contra isso estaremos agindo de forma egoísta, mas se ao revidarmos esse incomodo se torna ainda pior não existe a necessidade de agravar a situação uma vez que a mesma já é desagradável. As vezes suportamos a dor não porque gostamos dela, mas porque reagir poderá significar mais dor. Enquanto o indivíduo permanecer vivo ele agirá desta forma, o seu “Eu”, por mais que não se tenha a compreensão dele, não deixará que se aja de outra forma. Só a morte fará cessar esta forma de agir do homem, somente com a morte se perderá este instinto.

Stirner vai contra todo e qualquer tipo de conceito moral. A moral significa opressão para com o indivíduo. Esta sua compreensão vai de encontro com o Cristianismo, o Judaísmo, o Estado, etc. O que Stirner busca mostrar com sua filosofia é que a prática destes ideais os quais esses sistemas opressores apresentam como *sua* causa, porém não são, significa um caminho em busca do nada. “Minha missão não tem de ser a de realizar a ideia geral do humano, mas a de satisfazer a mim próprio. Eu sou minha espécie, sem norma, sem lei, sem modelo [...]” (STIRNER, 2009, p. 235), o objetivo destas normas e destas leis é corromper o caminho natural

¹ O uso de aspas nesta palavra significa dizer que o indivíduo não se sacrifica realmente, já que a ação é feita em prol de um interesse seu.

do indivíduo e afastá-lo de sua existência autorreferencial. As leis destroem o “Eu” que tem que ser preservado.

Categorizar o homem como judeu, cristão ou qualquer outra forma de definição que não seja egoísta é uma errada forma de definição. O erro o qual Stirner aponta para estas formas de categorização é que elas limitam o indivíduo a pensar apenas de forma condicionada a determinada doutrina, torna a mente dos indivíduos inflexíveis – o judeu só pode pensar, querer, ou fazer apenas da maneira judia. O egoísmo é a única definição que consegue englobar tudo o que o homem realmente é. Ser judeu é encarar a missão judia, o mesmo se aplica ao cristão, patriota e etc. e isso é pouco para definir o indivíduo. O indivíduo está acima destas limitações cuja moral impõe regras e doutrinas, a pretensão do moralismo é limitar o homem, eis a sua verdadeira pretensão, deixá-los fracos, fazê-los renunciar ao que lhe torna forte, renunciar a si próprio.

Não usaremos o termo “imoral” como faz a moralidade para falar do egoísta, pois esta é uma forma que ela encontrou para punir aqueles que não seguem seus princípios e como o imoral e o moral são apenas pontos de vista o uso do termo não possui o efeito que se pretende que tenha, o termo “amoral” é mais apropriado, pois significa apenas que o indivíduo não segue uma doutrina, que os princípios que defende parte de sua consciência e do uso adequado de sua liberdade. O egoísta é amoral, pois está livre para compreender as morais que determinam e conduzem os meios de identificação dos sujeitos. Por ser amoral ele carrega o pensamento livre de qualquer influência. Para resumir o que significa, ou o que faz este ser tão amoral a ponto de ofender qualquer tipo de moralidade é o poder de ameaça que carrega. As mentes influenciadas não possuem esse poder. Para o egoísta nada é sagrado, o fanatismo não é uma característica sua. Isto é o que torna o pensamento de Stirner anarquista, pois assume em seu discurso ser inimigo de todo poder dito superior ao indivíduo.

Seria leviano afirmar que não há poder acima do meu. Mas a posição que me atribuo em relação a ele é que é totalmente diferente daquela da época da religião: serei inimigo de todo poder superior enquanto a religião ensina que devemos fazer dele nosso amigo e ser humildes perante ele. (STIRNER, 2009, p. 238)

É tolice ser amigo daquilo que tira sua própria vida, daquilo que lhe oprime. Existe o reconhecimento da existência de poderes superiores, porém, por conta do que são capazes de fazer ao indivíduo, a recusa a eles muitas vezes deixa de existir. Ao inverso de se lutar contra o opressor tentam juntar-se a ele. Quando se chega a este estágio, significa que a moralidade encontra-se vencendo o indivíduo que, por sua vez, encontra-se totalmente desprovido de

autoestima. A falta de afirmação de si próprio, que é uma referência a recusa do seu ‘Eu’, já o prejudica.

O indivíduo poderá viver pacificamente enquanto não ameaçar a moral. Na verdade, o esquecimento de sua existência é a pretensão moralista, mas quando há a inflação das leis, como o pensamento de que se é livre em *todas* as suas escolhas, haverá motivo para severa punição. Ai daquele que ataca diretamente a moral². Se engana aquele que acha que um dos objetivos da moralidade está relacionado a garantir que os indivíduos sejam livres, se engana aqueles que carregam o pensamento de que qualquer conduta moral pensa em defender outra causa além de sua própria.

O objetivo dela é garantir que cada um dos indivíduos perca, ou nem venha a possuir, a consciência de sua existência e a força que essa existência possui. Mais ainda que isso. Procura fazer com que cada um destes indivíduos comece a pensar que o seu “Eu”, ou melhor, que seu objetivo na vida está fora, desconexo de si e se encontra no próximo, altruisticamente falando. É isso que o Estado faz quando “pede”³ que seus cidadãos sejam patriotas, amem seu país acima de todos, até mesmo do que eles próprios, pois este é na verdade o seu dever, é o que deves fazer em troca de tudo que ele supostamente lhe oferece. Estado, religião, partidos, etc., são dominantes e agem de forma equivalente ao tipo de domínio que exercem, sabem que para suas ideias causem impacto terão que se mostrar superiores àqueles que são fiéis a eles.

Como faz isso? Basta olhar para como ele penaliza aqueles ditos imorais. Quando se comete um “crime”⁴ (ato de “imoralidade”) contra o Estado ele o pune afastando-o dos “morais”. O que o Estado consegue com isso significa uma dupla vantagem uma vez que o “criminoso”, ao ser afastado, é rotulado de imoral e isso já é terrível para ele, além de o fazer

² A frase é uma referência a citação de Stirner que diz: “ai daquele que atacar diretamente o Estado” (STIRNER, 2009, p. 291).

³ A inclusão do indivíduo pelo Estado, em aparência, surge como um contrato firmado por duas partes, porém, desde o início o Estado tem a prerrogativa da força e da lei. Um contrato no qual uma das partes sempre é mais frágil não é um contrato, mas uma servidão.

⁴ “Crime” é um termo assim como outros como: imoral, inumano e etc. usados para definir uma ação que viola um conceito moral no sentido de categorizá-lo como bem ou mal. Como Stirner preza pela valorização do “Eu” termos como estes não são propícios de se usar, pois tem como propósito a doutrinação. Para melhor compreensão disto basta olharmos para trás e veremos uma série de exemplos de afazeres e interesses que antes eram algo natural, mas com o tempo passaram a ser considerados injustos (imorais); ou então, atitudes que eram interditas (imorais) e passaram a ser aceitas (morais). A violência contra a mulher sempre existiu, era algo que passava despercebido no meio social, entretanto hoje isso é um crime grave. O método de ensino que utilizava a palmada era considerado por muitos como um método eficiente para com seu propósito, mas hoje isto é proibido por lei por ser considerado desumano. O uso de algumas drogas era normal em uma determinada época da sociedade (ópio, maconha, cocaína, etc, no começo do século XX), porém, tornaram-se substâncias perigosas e foram proibidas; porém, hoje, alguns países já liberam o uso de algumas delas.

de exemplo para os “morais” para que estes não venham a cometer os mesmos erros. Quando se trata de um egoísta, o afastamento é ainda mais eficaz, pois evita que ele contamine os outros indivíduos. O fato é que a moralidade sempre encontrará uma forma de punir aqueles que não seguem seus princípios.

Manter-se em um estado de superioridade perante os indivíduos é sua principal missão e ele tentará cumpri-la de qualquer forma. Por isso o fator “sagrado” tem grande importância neste meio. O homem venera o sagrado, pois acha que sua causa se encontra nele e por isso o respeita. Neste caso, tudo que precisa a moralidade é de uma boa educação para que se cumpra este fator. Uma vez educado, ou melhor, doutrinado, enxergar o mundo de forma a ignorar todos estes princípios moralistas torna-se algo quase impossível. Este é o argumento de Stirner e o motivo que o faz por várias vezes colocar frases cujo sentido acaba por enfatizar que o ser moral é aquele que sempre quer “tirar algum proveito de mim” (STIRNER, 2009, p. 327).

1.2 Moralidade: A responsável pela desventura humana

O homem moral é limitado, ele não conhece outro inimigo que não seja o imoral. Ser inimigo de outro ser apenas pela não concordância para com alguns ideais é uma verdadeira tolice provocada pela moral. O amoral, assim como o moralista, também tem princípios, mas o egoísta visado por Stirner só se preocupa com sua causa e a intolerância por sua vez é um derivado da não afirmação do “Eu”, ou seja, quando o indivíduo abandona sua razão de ser. Por exemplo: “O coito fora do casamento não é uma imoralidade?” (STIRNER, 2009, p. 73) segundo algumas doutrinas, sim. A castidade é um bem para os católicos, porém, não tem significado algum para aqueles que não seguem a mesma doutrina. Enquanto alguns defendem sua causa, outros fazem o mesmo, entretanto, são causas diferentes. E o que fazer com os amorais, ou mesmo com os moralistas que entre si (as diferentes morais) já não são compatíveis? Será isso o que aparentemente traz tanta confusão? Será que o mundo viverá por isso em uma constante guerra produzida pelos Estados e suas políticas, pelas convulsões culturais entre indivíduos da mesma cultura ou entre culturas diferentes, de guerras santas em nome de algum Deus?

Os conceitos morais significam leis que tem como objetivo proteger ou beneficiar os homens que defendem este mesmo pensamento. O cristianismo, por exemplo, se protege usando o altruísmo (uma lei cristã). Mas aqueles que seguem os mandamentos de suas doutrinas

não percebem a contradição na qual vivem. Os altruístas não notam que o altruísmo “significa ter apenas um interesse ideal, perante o qual cai por terra o respeito pela pessoa!” (STIRNER, 2009, p. 103). Há muito a teimosia do homem que o faz inflexível o leva a uma vida de submissão, obrigados a servirem e a todo momento tentam honrar poderes superiores. Quando o homem consegue se livrar de um desses poderes superiores, a moral, de forma a se defender contra o rebelde, aplica sobre ele um outro poder ainda maior. Por isso é tão incomum de se ver autonomia no meio social. O medo, ou preocupação, em incomodar o indivíduo moral os impedem.

Claramente o egoísmo luta contra um problema moral. Todos fazem parte do que pode se chamar “vida pública” e tudo o que se faz, isto com relação a forma que se age neste meio, corresponde a essa vida. Enquanto a forma de agir das pessoas estiver em sincronia com a comunidade a qual faz parte ele será visto pelos demais como um homem moral. Para a moral, o verdadeiro homem é aquele submisso a ela, desta forma todos são iguais. A singularidade é vista neste meio como um problema, um ponto de discórdia que trará confusão à comunidade, ao meio social. Esta é a ideia que toda instituição moralista busca aplicar ao mesmo tempo que pune aqueles que discordam de seu ideal.

É fácil perceber desta forma o pensamento que a moral propõe. Ninguém é em si sua propriedade, mas, sim, propriedade da moralidade. Tudo o que tens ou o que fazes não pertence nem deve ser direcionado a ti, mas ao Estado, à religião, etc. O que se faz aqui concerne em um diálogo onde se busca mostrar o ponto o qual proporciona a falha numa busca intensa pela felicidade. Ayn Rand, que também apresenta uma filosofia relacionada ao egoísmo, acredita que a moral acaba por ser a chave para essa busca e reflete sobre como conseguir atingir a felicidade através de uma condição moral guiada pela racionalidade. Stirner, por outro lado, coloca qualquer tipo de condição moral como responsável pela infelicidade humana.

Aqueles que resolvem aderir a causas que lhes são dadas, sem perceber, defendem uma causa que não é verdadeiramente sua. É desta forma que age a moralidade que ainda ousa falar em liberdade. “[...] “liberdade religiosa” [...]. Se entende uma libertação em relação a religião? [...] Para aquele que é “livre em matéria de religião”, a religião é uma causa do coração, é para ele causa própria, uma causa sagradamente séria.” (STIRNER, 2009, p. 139). É desta forma que a pessoa vítima do poder moralista pensa. Para ele, de forma alguma está sendo influenciado, pelo contrário, ele acha que é dono de si. Essa é a lógica que sucede todos os casos morais. Resumidamente, não se está separado da religião ou livre dela, se está

relacionado diretamente com ela como cidadão da mesma. “Livre” neste contexto significa junção. Sobre isso, Stirner coloca:

Esta liberdade não é minha liberdade, mas a liberdade de um poder que me domina e me oprime; significa que um de meus opressores, o Estado, a religião, a consciência moral, é livre. O Estado, a religião, e a consciência moral são tiranos que fazem de mim seu escravo e sua liberdade é minha escravidão. (STIRNER, 2009, p. 140)

O egoísmo está no mundo, porém, por conta destes problemas não se percebe ou não se aceita sua existência. Todos lutam por uma causa que acreditam, mesmo sendo uma ilusão implantada, mas carregamos o pensamento que nos faz acreditar que esta é nossa causa, ninguém age de forma contrária. Quando se age de forma a defender uma causa que não lhe pertence isso só acontece pela existência do pensamento de que aquela causa é, na verdade, sua. O poder que faz o cidadão pensar de tal forma tem força capaz de fazer as massas se curvarem perante si. Não se confronta as leis, pois elas “foram elaboradas para seu próprio bem”, ou seja, são a sua causa e deve defendê-la. Quem seria tão imoral a ponto de afirmar sua vontade colocando toda essa bela estrutura moralista abaixo? Esse, na verdade, só é mais um discurso moral usado para doutrinação.

Os conflitos que existem dentro das sociedades também são consequências moralistas, uma vez que as sociedades agem sob esta influência. O burguês se irrita com aqueles que não tem uma ocupação porque isso vai contra os princípios morais que acredita. Seguindo a mesma lógica, se o trabalhador se irrita com os preguiçosos, os que não querem trabalhar, isto acontece por conta da imoralidade dos preguiçosos aos olhos dos burgueses. Todo esse incômodo sentido pelos moralistas não significa uma preocupação para que o dito imoral saia da imoralidade. Isto, no fim, acaba por ser uma tendência egoísta, pois espera ser beneficiado com a doutrinação de seu próximo. “O que tu queres é que todos se matem de trabalhar para aliviar o próprio trabalho [...] Vós, trabalhadores, até vosso trabalho executais com base em impulsos egoístas, porque o que quereis é comer, beber, viver”. (STIRNER, 2009, p. 163). O humano é egoísta porque age sempre com base em seu interesse, sempre em favor de um propósito. Somente se a ação do homem tiver como base um interesse que não faz parte de si se poderá então, finalmente, referir-se a ele como um não egoísta.

Se todos, desta forma, querendo ou não, são egoístas, por que grande parte das pessoas acham que ser egoísta é algo tão ruim? Na verdade, a resposta para essa pergunta vem sendo respondida de forma constante no texto. Porém, continuemos com uma suposição: na origem do pensamento moralista existiu uma mente que teve uma ideia, essa ideia é a sua causa

e para sustentá-la precisa que outros acreditem nela, é assim que ela ganha força. A ideia posta na mente das pessoas é colocada de forma que comecemos a pensar que esta ideia é o certo e todo pensamento que a contrarie é errado. Assim nasce a manipulação moralista, sempre tentando fazer com que ideias contrárias (o amoral), inimigas da causa moralista, não prospere. Por isso o verdadeiro conhecimento relacionado com a infinidade de possibilidades de compreensão da vida é perdido no processo moralista, pois ele precisa sacralizar a sua visão em detrimento de todas as outras: “Toda opinião contrária tem de ser eliminada ou tornada impessoal” (STIRNER, 2009, p. 167).

Viver em sociedade, da forma a qual “aconselha” a moral, pode até parecer algo belo, harmônico, e esse “viver em sociedade” significa ser um igual, submisso a moral como a grande maioria o é. Porém, viver desta forma significa perder a essência que nos faz únicos. “Só se fordes humanos podereis conviver como homens, tal como só vos podereis entender como patriotas se fordes patrióticos” (STIRNER, 2009, p. 175.). Sendo um “igual” poderás entender o que se passa em seu meio, porém, ao mesmo ritmo o qual se busca atingir uma “perfeição moral” em prol de uma causa que não é nem mesmo sua, se perde aquilo que o faz ser quem tu és de verdade. Por isso, a alienação não ocorre dentro de um sistema de produção, mas toda cultura, de alguma forma, por sua necessidade de igualar os indivíduos e homogeneizá-los torna-se um dispositivo pelo qual o indivíduo é apartado de sua natureza. No entanto, nada é mais equivocado que o bom selvagem rousseauiano, pois os homens originalmente estavam imbuídos de uma intensa consciência de necessidade individual: comer, descansar, lutar ou fugir. O elemento inicial do contrato não é “eu ajudo o outro”, mas “o outro me ajuda” e por conseguinte todos ajudam a todos, tendo por valor primordial que Eu sou ajudado sempre que retribuo um determinado favor. O engano surge quando se inverte a condição psicológica do contrato, quando o outro subverte ou anula o papel do eu.

O que sente a pessoa que vive sob essa opressão moral pode ser entendido, na verdade, como medo. Medo de praticar o antipatriotíssimo, medo de desagradar aqueles que nem mesmo ligam para sua existência, medo de ser imoral (ou amoral), medo da infelicidade, etc. Pois abandonar tudo que a moral coloca como “medidas humanitárias” é, conseqüentemente, deixar de ser humano, esse é o significado de se ser amoral, é deixar de ser judeu, deixar de ser cristão, enfim, por isso muitos preferem perder essa relação consigo mesmo a ir contra as regras inculcadas. Eis então o poder moralista.

Quanto a isto é até mesmo possível de se fazer uma relação deste pensamento com o pensamento que Paulo Freire⁵ demonstra em *Pedagogia do oprimido* (1987) uma das obras mais conhecidas do autor em um capítulo intitulado *teoria da ação antidialógica*. Neste capítulo Paulo Freire mostra o que se entende como a moral agindo de forma a oprimir a sociedade, tirando do indivíduo toda a sua autenticidade ou aquilo que poderá usar para alcançá-la. Endente-se como moral em Paulo Freire o que é colocado como *Poder Opressor*. O que mais chama a atenção nestas colocações acerca desta obra é que apesar da distinção de pensamentos entre Paulo Freire e Max Stirner (um sendo socialista e o outro anarquista) ambos têm a percepção de uma força que obriga o indivíduo a cair para que sua causa prevaleça.

Porém, Paulo Freire refere-se a apenas um tipo de moral como sendo problemática, um tipo de regime que ele considera opressor à sociedade, colocando como solução para esse problema a formação de uma outra entidade de ideologia distinta cuja força é suficiente para derrubar a primeira. A partir deste ponto já se pode perceber a diferença com relação ao pensamento de Max Stirner uma vez que o que em Stirner aparece como algo problemático é interpretado como *toda* forma de regime que impede o indivíduo de ser ele próprio em absoluto. Logo, para ele, as doutrinas sempre agem para que o indivíduo perca contato com seu “Eu”, enquanto para Paulo Freire, como um ferrenho moralista, defende um sistema e pretende aniquilar outro, como sempre e como um bom moralista, em prol de um “mundo melhor”.

A distinção do pensamento de Paulo Freire e Max Stirner reside precisamente quando eles procuram solucionar o problema que encontraram a princípio. Freire substitui um ideal moralista por outro quando propõe uma substituição da moral burguesa pela moral socialista. Ou seja, o indivíduo se liberta de uma moral vigente, mas acaba se tornando escravo de uma outra moral. Stirner, ao fazer sua crítica, se recusa a colocar uma outra conduta moral para substituir a primeira. Em sua concepção o indivíduo deve ter liberdade para agir da forma como entende ser correto, liberdade esta considerada perigosa, uma vez que destituído de regras o indivíduo poderá fazer o que bem entender. O pensamento de que a permanência destas regras é necessária para que a sociedade conviva em harmonia ainda reside no meio social, entretanto, Stirner diz que este pensamento é só uma consequência da doutrinação e que estas regras apenas significam uma dominação violenta sobre os indivíduos.

A moral recusa o egoísmo porque ele significa singularidade, significa ser diferente. O “Eu” a prejudica, ameaça o propósito moralista. Por isso o egoísmo é colocado como uma

⁵ Pedagogo considerado um dos maiores pensadores da arte de ensinar no mundo.

barreira que o homem precisa ultrapassar para seu próprio bem. Stirner mostra como a moral espera que os homens se livrem desta “barreira” de forma a sempre considerar o princípio moralista, ele coloca: “a crítica oferece-me essa oportunidade por meio da doutrina, que diz que, quando alguma coisa se enraíza firmemente em mim e se torna indissolúvel torno-me prisioneiro e escravo dela” (STIRNER, 2009, p. 185). Esta é uma referência a se ser prisioneiro do egoísmo. Mas ao mesmo tempo que a moral mostra a porta de saída deste “mal”, aquele que “se libertou” entra em uma outra realidade da qual não é liberto.

Quando um deus morre todos os preconceitos se vão com ele, “com o senhor desaparece o servo” (STIRNER, 2009, p. 187), e com a morte de um nasce outro, outro deus – o Estado, o dinheiro, a religião ou uma infinidade de coisas cujo poder sobrepõe-se aos indivíduos – e com ele novos mandamentos, novos preconceitos e uma nova prisão. Quando um deus é derrubado é porque outro mais forte o derrubou. A moralidade é um deus que influencia os indivíduos e se o indivíduo se mostra capaz de desafiá-la um outro deus moralista surge com mais força, com novos princípios. Dessa forma, o que faz o indivíduo resume-se em uma troca de deuses, uma troca de uma conduta moral por outra. Como quando se troca o catolicismo pelo protestantismo. A afirmação do “Eu” torna-se, neste sentido, cada vez mais difícil.

As técnicas utilizadas pela moral para ganhar o indivíduo vão mais além, ela passa a ideia de que aquele que a segue é alguém especial em comparação aos que não seguem as mesmas leis. Isso é certo? No mundo moralista no qual se vive, sim! O egoísta, aquele que conquistou a autonomia, é apontado pela moral como um mal caráter, arrogante, um “inumano”⁶. Na filosofia estoica existe o pensamento de que deixar a felicidade depender de outros é comprar o destino da infelicidade⁷. Desta forma, como pode ser tão imoral pensar em si próprio se somente o “Eu” pode trazer o que se busca? Ser único não significa ser especial e com isso ter privilégios, significa “que minha carne não é a carne deles, meu espírito não é o espírito deles” (STIRNER, 2009, p. 181) significa que o “Eu” é, acima de tudo, *sua* responsabilidade e não uma responsabilidade moralista.

Os padrões sociais prenderam o indivíduo de forma tão intensa que o tornou um ser de pensamento frágil. Como podemos nos assustar com nossa própria natureza? A moral é a

⁶ Termo usado por Stirner para enfatizar como a moral ver aqueles que não seguem suas regras, os que não seguem seus princípios.

⁷ O estoicismo é uma escola de filosofia criada em Atenas no século III a.c. Eles ensinavam sua filosofia de modo que ela pudesse ser incorporada como modo de vida.

responsável. Seus padrões implantam pensamentos que, na verdade, afastam o indivíduo de sua própria essência. Presos a mandamentos vive o homem. “[...] o hábito de pensarmos segundo padrões [...] amarrou de tal modo nosso espírito que nos assustamos com nossa própria nudez e naturalidade [...]” (STINER, 2009, p. 209).

No mundo animal existem diversos casos de animais que praticam a violência. Essa prática é feita para a sua própria sobrevivência, essa é sua natureza. Eles competem de forma a usar a agressão física para ganhar suas parceiras de acasalamento, ou para manter sob seu domínio parte da uma área da natureza que tem riquezas que lhe interessam, por exemplo. Este tipo de comportamento é estudado e compreendido pelo homem, é reconhecido que é seu instinto e sua única intensão com isso é a sobrevivência de seu gene⁸. Porém, se um comportamento de natureza parecida com estas exemplificadas ocorrem no meio social elas são encaradas como algo abominável. É este o grau de hipocrisia que vive a humanidade.

Esta não é uma defesa deste tipo de comportamento, não se está a defender um agressor físico. Porém, a moral a todo momento tenta privar o homem de sua própria natureza tornando-a imoral. A intensão aqui é apenas mostrar que este desvio não é feito com desinteresse, mas ninguém pergunta a si próprio qual o verdadeiro significado de todas estas regras, todos os padrões que os rodeiam. “Em nome de que vos preocupais com os mandamentos de Deus e dos outros?” (STIRNER, 2009, p. 210.) A resposta para essa pergunta é a mesma que justifica a existência dos padrões que ensinam a agir, mas por inocência não sabem, ou por hipocrisia não assumem, egoísmo.

Se alguma vez tivesses consciência de que como Deus, os mandamentos, etc. só vos causam dano, vos limitam e vos arruinam, certamente os afastareis de vós tal como em tempo de cristãos amaldiçoaram Apolo, ou Minerva ou a moral pagã. É certo que no lugar deles colocaram Cristo e depois Maria, e uma moral cristã; no entanto eles fizeram isso também pela salvação de sua alma, portanto, por egoísmo, ou para afirmar sua singularidade própria. (STIRNER, 2009, p. 210).

Quem pode negar isto? Mesmo que alguém se atreva a rebater “a singularidade-do-próprio é o criador de tudo” (STIRNER, 2009, p. 211.)⁹. Porém, e ainda usando palavras de Stirner, “milênios de cultura obscureceram a vossos olhos aquilo que sois, e fizeram-vos acreditar que não sois egoísta [...]” (STINER, 2009, p. 213). Milênios anos de cultura enganando a si próprio. Este é o fardo que carrega a humanidade. “O homem tem uma natureza

⁸ Este é um ponto que revela uma temática importante para o desenvolvimento deste trabalho e posteriormente, no terceiro capítulo, será trabalhada com mais detalhes.

⁹ Stirner refere-se ao egoísmo como sendo responsável pelo surgimento de qualquer tipo de padrão incorporado por qualquer indivíduo.

mercenária e não faz nada de graça” (STIRNER, 2009, p. 213) e o que pode ser colocado como algo característico do homem, além do egoísmo é sua hipocrisia. Nunca se praticou o “bem”¹⁰ sem perspectivas de recompensa, mesmo a recompensa já estando incluída na satisfação em concluir o ato. O que fez, e ainda faz, toda doutrina resume-se em uma exploração do egoísmo do homem.

Buscam tirar do indivíduo o que lhe é mais importante. Quando isso acontece o indivíduo já não é verdadeiramente ele, como quando se tira um retrato de família e algum membro falta. Este não é um retrato da família, pois a família é, em essência, todos os seus componentes. As doutrinas tiram a essência do homem. Olhem para o cristianismo, ele empurra a imagem de Jesus Cristo, o homem perfeito que caminhou sobre a terra, sem pecados, aquele a quem se deve ter como um espelho. Mas se o padrão moral de Cristo for o ideal, a humanidade se afogará na imoralidade, pois mesmo considerando que as características que moldam um homem que caminhou sobre a terra de forma a ser considerado o ser humano perfeito, mesmo este sendo Jesus Cristo, essa é a essência *daquele* indivíduo e ela não se repetirá em outro ser. A essência da humanidade, aquilo que os fazem humanos concerne em sua diferença, somente neste ponto todas as pessoas se igualam.

Os sistemas precisam que os indivíduos não compreendam seu propósito, esta é sua forma de se permanecer vivo. Criam padrões para serem seguidos, padrões com o poder de afastar o indivíduo de sua natureza e quando surge uma nova ideia que caminha para a superação de uma ideia moralista logo o sistema substitui a que fora ultrapassada por uma mais forte ainda. Cristianismo, Judaísmo, Patriotismo, etc., são tantas as categorias utilizadas para igualar os indivíduos. Buscam igualá-los, mas apenas no sentido de estarem subordinados e limitados ao valor moral vigente. Nenhuma destas ideias aplicadas por uma instituição moralista tem a verdadeira pretensão de beneficiar aqueles que as praticam. Com isso, não estamos a dizer que a moral não tenha um papel e uma função importante dentro da cultura, o que pretendemos é demonstrar que se por um lado ela permite a relação entre os homens, por outro ela produz um desvio do indivíduo consigo mesmo, ou seja, ele projeta e procura no exterior o que deveras pertence à sua particularidade e vontade.

¹⁰ A palavra “Bem” aparece entre aspas porque para Stiner “bem” é apenas uma questão de perspectiva.

1.3 A questão do mérito e sua relação com o egoísmo

O pensamento egoísta de Stirner está extremamente relacionado a uma questão de mérito. O mérito ou o merecimento, é uma conquista daquele com a capacidade de manter aquilo que deseja. Como quando alguém conquista algo, isso é um mérito de quem toma posse ou adquire algo, quanto aquele que perdeu, Stirner o coloca como não merecedor, pois não foi capaz de manter o mesmo sob sua posse. Este pensamento pode parecer grosseiro, porém, só parece pelo simples fato da existência das influências morais que existem no pensamento.

Na filosofia egoísta de Stirner, já fazendo uma relação entre mérito e egoísmo, o justo é apenas uma questão de perspectiva. O que é justo para alguém nem sempre será visto da mesma forma por outros, como no caso citado. Mas, reforçando a filosofia do “Eu”, as diferenças de opiniões são derivadas da essência dos indivíduos. Concordar, discordar, certo, errado, bem e mal, são todas formas de se defender o “Eu” próprio. A deficiência, porém, reside quando o indivíduo não chega a estas conclusões por conta própria e isso o torna um não merecedor.

Defender o “Eu” é a realidade refletida por Stirner, defendê-lo é uma questão de mérito. Se um rei, por exemplo, faz de tudo e usa de artifícios para manter-se no poder e ao mesmo tempo manter toda uma população submissa a si, este é um direito que conquistou com suas artimanhas, este é um mérito que garantiu, por isso é digno do que tem. A mesma lógica pode ser usada para a inversão desta metáfora. Se a população, neste caso, enxerga que não precisam ser submissos ao rei e assim resolvem destroná-lo, este será um mérito da população e demérito do rei que não conseguiu se manter.

Alguns se assustam com o todo poderoso rei por conta dos direitos que possui, mas todos possuem direitos e o direito é o mérito de quem consegue mantê-lo. “se alguém se comporta de forma ousada no perigo e morre, dizemos: teve o que merecia, foi ele que se meteu nisso. No entanto, se ele vencesse, isto é, se o seu poder vencesse, ele teria também razão.” (STIRNER, 2009, p. 250). Toda lei que corresponde a como deve agir os indivíduos esconde sempre a expressão de uma vontade. Se alguém consegue se manter desta forma, fazendo com que acreditem em suas leis, esse é seu mérito e tem direito de permanecer no poder.

Este pensamento poderá levar a um mundo sem leis, onde qualquer um poderia fazer o que bem entendesse. Afinal, as leis já não existem para impor limites, não é mesmo? Sim, as leis deixariam de existir, mas o “Eu” ainda permanece. Todos habitam o mundo e ninguém é obrigado a aceitar nada de ninguém, “defende-te e ninguém te fará nada” (STIRNER,

2009, p. 253). Esta é a questão do mérito. Stirner tenta mostrar esta reflexão vista em um mundo sem a presença de leis moralistas. Sem as leis o mundo parece assustador, porém não o seria mais do que já é. Stirner cita a bíblia em Matheus 12, 30. (N.T.) com intuito aparente de mostrar as pretensões existentes no próprio livro sagrado. “Quem não está comigo está contra mim” (STIRNER, 2009, p. 255). Mas o que esta frase representa?

Para a resposta dessa pergunta uma outra pergunta é necessária. Deve-se sempre viver de forma a concordar com esses preceitos, estes que procuram que o indivíduo se incline em prol de uma causa que não é a sua? No mundo habitam os mais fortes, contudo, ninguém quer aceitar esta realidade. O que é o criminoso que não concorda com as leis, ou o governador que manda prender quem lhe desacata, não é o criminoso o fraco que perde para o governador que é mais forte? O mundo é repleto de casos como estes, cada um tentando impor seu pensamento para que sua causa prevaleça. Alguns conseguem, como o governador, porém, nem todos obtém esse mérito, pois aquele que não concorda com as leis e por isso as desobedecem e por consequência é preso, é alguém que não conseguiu se impor e acabou perdendo sua liberdade. Ele perde sua liberdade por sua imprudência, pois deveria reconhecer a força do inimigo e não a reconhecer e tentar impor-se a ela o tornou um não merecedor.

Stirner apresenta o pensamento de que a verdadeira liberdade, felicidade, paz de espírito, seja qual for a forma a qual interpreta-se “felicidade”, encontra-se na consciência, é lá onde se poderá encontrar o “Eu” que o fará merecedor dela. A falha é não encontrá-la. Todos possuem um “Eu”, uma consciência e é isso que torna conceitos como certo, errado, criminoso, inocente, imoral, moral, entre muitos outros, sem validade na filosofia de Stirner. Não se pode julgar que é errado como age determinado indivíduo, pois a realidade em que ele vive, suas crenças, etc, são totalmente diferentes das de outro alguém.

Desta forma, todos acabam por ser, por natureza, “criminosos”. Ou concorda com todos os poderes impostos a você? Sois ou não um egoísta? A resposta poderá até ser um “não”, mas aquele que tem consciência de si é “criminoso”, pois age em prol de *sua* vida primeiro do que em prol da vida do outro e em algum momento isso o colocará contra algum princípio moralmente estabelecido e é crime desacatá-lo. Não seguir as leis do Estado significa crime contra a norma moral, se não se segue as leis da igreja, este é um crime contra a moral religiosa, se não se age de acordo com as leis de determinada comunidade este também se trata de um crime contra a moral. Um criminoso é alguém que viola uma norma e este de alguma forma será punido para que não o faça novamente ou para servir de exemplo para que outros não o façam.

A fraqueza do indivíduo é o desmerecimento de si próprio. Ao aderirem ao poder moralista renuncia-se a algo valioso que possui, sua autenticidade. Por fraqueza vivem com medo da solidão, como se isso fosse problema, por isso estão sempre à procura de uma comunidade cujo ideal supra as necessidades que procuram – uma fé, um deus etc. O problema só existe quando se pensa nele. Quando se adere a um ideal desta natureza não é possível que seu “Eu” prevaleça, não é possível realizar suas vontades livre de qualquer pena, pois isso é justamente o que evita incessantemente qualquer ideologia moral.

A moral busca que o indivíduo tenha vergonha de ser egoísta, porém, o egoísmo verdadeiro, aquele que se pratica de livre vontade, é uma conquista que poucos conseguem. Como pode alguém envergonhar-se daquilo que conquistou? Stirner mostra que todos carregam o egoísmo consigo, pois o egoísmo é a natureza do indivíduo, mas poucos o praticam com a consciência da ação. Quanto aos que se envergonham de suas conquistas quando dizem, por exemplo, que foram conquistadas através do egoísmo, esta vergonha é resultado justamente do demérito da falta do “Eu”. Se achas que não mereces, então estás certo, mas apenas por achares que não mereces: “Enquanto existir uma instituição que seja, e que o indivíduo não possa dissolver, estará muito longe a afirmação da singularidade e da pertença-a-si.” (STIRNER, 2009, p. 278.), pois o vínculo com ela tira tudo o que se tem de autônomo, de único. “Como poderei ser eu próprio se minhas capacidades só podem se desenvolver até o ponto em que “não perturbem a harmonia da sociedade” [...]?” (STIRNER, 2009, p. 278.). Na verdade, é possível uma convivência pacífica com qualquer tipo de moralidade. O costume com ela já é tão grande que viver seguindo estas leis nem se parece com uma prisão, é mérito moralista esta conquista e não perceber que *ela* lhe torna um não merecedor, *seu* demérito.

2. O EGOÍSMO SEGUNDO AYN RAND: A ÉTICA OBJETIVISTA

A ética objetivista tem a vida como principal princípio a ser seguido, significa seu principal padrão de valor. O homem, por sua vez, precisa deste dever, pois este estabelece o sentido de cada ação efetuada por si. Os valores que se decide usar como padrão a serem seguidos consistem nos meios pelos quais se conquistará um objetivo. O egoísmo em Rand trata-se exatamente da forma pela qual se conquistará um destes objetivos, por isso a palavra “egoísmo” aparece na sequência da palavra “virtude” em sua obra, pois segundo os conceitos de Rand, o egoísmo consiste na única forma a qual se conseguirá atingir o sentido da vida, a felicidade.

Para a compreensão desta filosofia Ayn Rand a divide em três tópicos, três importantes princípios de valores que seguem um valor principal (egoísmo), estes que são: *Razão, propósito e autoestima* e o que estes valores correspondem significa: *racionalidade, produtividade e orgulho*. O trabalho produtivo é o objetivo central da vida, este, por sua vez, não será conquistado se não se faz uso da racionalidade, o fator racional é o ponto de maior importância desta filosofia, pois é ele que irá garantir que o indivíduo possa agir sempre de forma correta impedindo-o de se desviar e se encontrar com falsos juízos de valores. É preciso manter a mente em foco para alcançar seu objetivo e o resultado disto é o orgulho¹¹. Mediante estas colocações algo grandioso germina desta reflexão, o fator racional surge como a maior virtude do homem, pois é o que dará origem a todas as outras virtudes. Sem a racionalidade o que resta é a inconsciência, algo trágico, pois refere-se a fonte de todo mal do homem que se resume em vícios.

2.1. O fator Racional/Irracional da filosofia de Rand e sua relação com a felicidade

O que faz o objetivismo concerne em uma defesa dos interesses racionais do homem, ou melhor falando, do auto interesse racional. Também vai contra qualquer outro fator que seja encarado como fruto da irracionalidade do indivíduo, como a educação baseada na fé, por exemplo, são fatores como este que abomina o objetivismo. A racionalidade a qual Rand refere-se significa um pensamento no qual esteja incluso uma visão da natureza da realidade, meios de sobrevivência e uma moralidade adequada; significa o homem ter conhecimento do mundo que o cerca, ter conhecimento de sua própria natureza. Os valores que serão adquiridos

¹¹ O orgulho, na filosofia de Rand, representa a conquista do “Eu”. A autoestima é o orgulho, orgulho de si próprio.

no decorrer de sua vida jamais poderão partir de um princípio irracional. Intuição, fé, costumes sociais, são alguns desses princípios. O homem irracional, desta forma, caminha a todo momento em direção a sua própria destruição. A irracionalidade, a falta de foco, significa algo que age contra a vida. Em contrapartida, ser racional é reconhecer a razão como única fonte de conhecimento, o único critério que será usado como forma de avaliação para com seus princípios de valores, o único guia para as ações.

Sêneca¹² é alguém que também refletiu sobre a temática da racionalidade e apresenta em suas obras diálogos sobre o resultado daquele que atinge o racional. Este estágio é chamado de “a tranquilidade da alma” e Sábio são chamados aqueles com a capacidade de atingir este destino. Em sua obra *da tranquilidade da alma* (2009) apresenta diálogos que tem por meta apresentar pontos os quais podem levar o homem a conseguir a felicidade, mas alerta que somente o sábio pode possuí-la. Nesse diálogo não há reflexões diretamente relacionadas ao egoísmo, porém apresenta importantes linhas reflexivas sobre a felicidade onde cita o homem consciente com intuito de caracterizar o homem Sábio. Deste modo, interpretamos o sábio estoico como sendo o equivalente ao homem racional da ética objetivista.

Ele argumenta que somente aquele psicologicamente preparado para tudo o que a vida tem para lançar contra ele será capaz de conseguir a tranquilidade da alma. O racional, ou o sábio, apresentado por Sêneca, tem características semelhantes ao homem racional do Objetivismo, incluindo a consciência de que no mundo se vive de forma individual, as contingências e as intempéries arrastam o homem ao sabor do inesperado, cabe compreender cada situação e ordenar o melhor possível suas armas e utilizar a razão para solucionar os dilemas que aparecem e, portanto, a felicidade só poderá ser conquistada desta forma. “[...] é necessário que tenhas confiança em ti [...]” (SÊNeca, 2009, p. 20). Assim, é necessário carregar consigo a consciência de que nenhum outro ser é capaz de doar a felicidade a outro, se achas que existe a necessidade de se confiar em alguém para que a felicidade possa ser conseguida, então, fatalmente, ela não o será.

Somente o homem racional é capaz de conquistar a felicidade, pois uma característica deste homem significa a capacidade de compreender que o mundo não gira em torno dele e só o verdadeiro egoísta compreende isto. Ele sabe que o mundo é casa do acaso, das ofensas e de contradições e, também, sabe que uma hora elas podem o atingir. Porém, sua

¹² Filósofo, escritor e político romano, nascido na Espanha por volta de 4 a. c.

sabedoria o permite enxergar que estes são pontos infrutíferos com relação ao seu destino. A sabedoria é um preparo da mente e estando neste estado nada pode abalar a sua paz.

Devemos também ter flexibilidade e não nos entregarmos obstinadamente às nossas decisões de maneira que possamos transitar para aquilo que o acaso traz. Não temamos a mudança nos projetos e nas situações, de modo que a leviandade, inimigo, vício da quietude, não nos surpreenda. (SÊNECA, 2009, p. 36)

Desta forma fica claro onde existe relação entre o sábio estoico e o objetivismo de Rand que se trata de uma ética. A ética, ou moral, como pode ser entendida, é algo que produz a forma de agir do ser humano, o que ele acredita. A moral é o mapa da vida, porém, como um mapa mal interpretado faz se perder, ela pode elaborar as falhas e falsos juízos dos indivíduos com relação a felicidade. Ou seja, pode levar ao bem na mesma proporção que também poderá levar ao mal. Com isso se chega a um impasse. A moral significa ou não um problema nesta busca? Diante de tudo isso, é conveniente a pergunta de que o homem realmente precisa viver sob esta condição moral ou isto na verdade significa um derivado de sua fragilidade? Ou melhor, será que a ideia de bem e mal que temos é algo inventado ou uma condição inalterável na existência do homem? Será a ética um capricho, ou algo que é território da razão?

“No triste registro da história da ética da humanidade – com poucas, raras e malogradas exceções – os moralistas têm considerado a ética como território dos caprichos, isto é: do irracional”. (RAND, 1991, p. 21.), mas talvez a explicação para isto seja simples, pois o que se interpreta com relação a isto é somente o fato de que as pessoas realmente agem de forma instintiva e a reflexão sobre a necessidade de se viver sob uma condição moral é algo que passa longe de uma das preocupações humanas. “Um capricho é um desejo experimentado por uma pessoa que não sabe e não se importa em descobrir sua causa”. (RAND, 1991, p.21) não existe uma reflexão acerca do certo ou errado, simplesmente aceitam o que lhes é imposto. A falha não reside em se seguir um código de ética segundo Rand, mas na forma como se adquiriu determinado código.

Talvez falar de ética e moral fazendo relação entre os dois da forma como Rand coloca seja algo confuso, pois a ética é encarada por muitos como parte da filosofia que é usada para refletir sobre os fins ou propósitos que motivam e orientam o comportamento humano, parte da filosofia que reflete sobre as normas, sobre os valores e princípios nos quais se acredita, desta forma ética e moral são coisas diferentes. Porém, o que se observou com relação a visão de ética em Rand não tem esse sentido, na verdade Rand fala de ética no sentido de ela própria ser uma conduta moral, um conjunto de regras que os indivíduos seguem.

Hoje podemos ver em ação várias doutrinas guiando exatamente aquelas pessoas que não sabem e pouco menos se importam em descobrir sua causa. Sua fragilidade psicológica necessita de uma verdade e logo se apegam a aquelas que lhes prometem qualquer tipo de bem-estar. Esta é a lógica que se tende a seguir, se trata de um instinto e neste meio existem uma série de exemplos que podem ser colocados como recurso para mostrar esta forma irracional de agir do homem procurando o melhor para si.

Quem cresce em uma família religiosa não chega à conclusão de que Deus é o bem e que todas as escolhas e ações que forem ser tomados no decorrer da vida devem ser baseadas neste juízo de valor, por reflexões feitas por si próprio. O indivíduo age sem questionamentos em prol da vontade de Deus porque foi ensinado. Aqueles que não agem seguindo estas leis serão malvistos pela sociedade, pois aquele que não age a favor do bem é o vilão, aquele que infringe as leis, a quem deve ser punido. O significado do que é o bem e o que é mal já fora decidido antes mesmo do nascimento do indivíduo e o que ocorre a partir de então consiste na aceitação destas regras.

Todos os seres vivos agem em sentido de promover a própria existência e o ser humano não age diferente, mas para o ajudar a fazer sempre o que é melhor para si conta com algo que não pode ser visto em outros animais. Ele tem a habilidade de formar conceitos, tirar suas próprias conclusões e a partir daí pode até mesmo produzir artefatos incríveis que contribuirão em sua jornada. Este processo de formação de conceitos não se restringe em compreender algumas poucas e simples abstrações, isto requer um melhor uso da consciência.

Pensar, raciocinar, criar conceitos, requer muito mais do que se imagina e existe diferença entre concentrar sua mente para obter uma total consciência da realidade e em ficar à deriva, numa atordoada semiconsciência reagindo a qualquer estímulo numa mente sem foco. Uma mente sem foco não se trata de uma mente inconsciente no sentido original da palavra, no entanto, obviamente esta não é a consciência do homem egoísta. Rand usa o termo “sub-humano”¹³ para descrever indivíduos com este tipo de inconsciência que impossibilita o homem de prosseguir. Este é um termo um tanto exagerado quando se reflete a fundo sobre seu significado, seu uso é perigoso e pode levar a preconceitos e não precisamos disso. Um termo simples como “ator-inconsciente” já serviria muito bem a esse papel.

¹³ “Sub-humano” é um termo usado por Rand para caracterizar as pessoas que não se enquadram nas peculiaridades do homem racional. Esse é um termo perigoso de ser usado nos dias atuais, pois este, assim como muitos outros, eram termos utilizados por filósofos, cientistas, políticos e etc. para implementar políticas de aniquilação em massa e não é este o pensamento que se tenta reproduzir neste trabalho.

Os princípios básicos da sobrevivência humana estão relacionados ao pensamento, ou seja, o homem não irá sobreviver, ou pelo menos não estará a agir nesse sentido, se não tiver consciência de suas ações. Foi assim desde o princípio, quando se precisou caçar, ou mesmo plantar para comer. Suas sensações, seus instintos lhe diziam que seu corpo precisava de algo, mas é na consciência objetiva que se define o desenvolvimento dos instrumentos que lhe possibilitaram uma melhor execução de suas tarefas. O homem tem grande responsabilidade em suas mãos, pois este processo de pensamento não é instintivo, quando iniciado, deve ser sustentado e deve-se também suportar as suas consequências, este é o significado de egoísmo para a filosofia objetivista, isso é ser racional.

Hoje, pelo menos em aparência, existe um certo comodismo da grande maioria das pessoas referente ao pensamento, isso no sentido de não se dar ao trabalho de refletir sobre as coisas. Já não existe a focalização da mente, não existem reflexões acerca de nada, nem do que é certo, nem do que é errado. Apenas aceitam o que lhes é dado tornando-se assim mentes sem foco o que significa algo problemático considerando o significado inicial do fator racional para o objetivismo. O homem sobrevive sozinho e somente ele junto à sua subjetividade poderá encontrar a felicidade. Ele é capaz de fazer tudo com o auxílio de um conhecimento ilimitado que pode adquirir do mundo, até mesmo alcançar os prazeres máximos da vida, mas a capacidade para o fazer é tirada de si e talvez isto tenha acontecido até mesmo de forma despercebida. O fato é que o homem já não tira suas próprias conclusões, não se esforça para conseguir seus propósitos e isso é desastroso, pois toda expressão cujo sentido se aproxima de uma mente saudável o homem aparentemente perdeu e agora age sem consciência.

O homem terá que agir de forma consciente para encontrar sua felicidade, terá que ser o responsável por cada escolha que fizer e o ponto em questão é se fará ou não as escolhas corretas, se escolherá ou não os valores corretos para sua felicidade. É difícil de imaginar o sucesso vindo como consequência de uma escolha malfeita por isso as ações devem ser refletidas. O homem é livre para escolher o caminho que irá seguir, é livre para escolher fugir da realidade preferir não ser consciente e aderir a um comodismo irracional como muitos o fazem, mas sempre será responsável por suas escolhas e no que elas resultarão.

[...] O homem tem sido chamado de ser racional, mas a realidade é uma questão de escolha – e a alternativa que sua natureza lhe oferece é: ser racional ou ser animal suicida. O homem tem que ser homem – por escolha; ele tem que ter sua vida como valor – por escolha; ele tem que aprender a sustentá-la – por escolha; descobrir os valores que ela requer e praticar suas virtudes – por escolha. (RAND, 1991, p. 32)

Ser racional é uma virtude, virtude que significa comprometimento e foco total da mente em todas as escolhas, todas as decisões, em todas as horas no decorrer da vida; significa compromisso com a realidade, não existindo assim fugas da mesma; significa ainda a aceitação da responsabilidade de tirar suas próprias conclusões da vida e aceitar suas consequências; nunca sacrificar suas convicções a opiniões ou desejos alheios; significa saber que cada escolha a ser feita será unicamente sua. Estes são princípios da racionalidade objetivista. A felicidade é o mais alto projeto da vida do ser humano, é em prol dela que o homem deve agir. “Todo ser humano vivo tem um fim em si mesmo, não o meio para os fins ou bem estar dos outros” (RAND, 1991, p. 37) por isso todos devem agir em prol de seu próprio bem estar, isso não significa está se sacrificando ou sacrificando alguém, apenas significa estar agindo no sentido correto da vida, esta é a lógica trazida por Rand.

Procuramos a cada momento de nossas vidas, por mais que não consigamos, viver de forma prazerosa e buscamos o prazer das formas mais diversas possíveis. Essa é a falha que reside na consciência humana. Este é um espaço onde poderemos fazer uma referência a Erich Fromm¹⁴. Acontece que o prazer se apresenta a nós como uma resposta para o problema da existência humana e desta forma buscamos conquistá-lo a todo custo. Estamos lidando com problemas morais, é a moralidade a grande responsável pela infelicidade humana. Sozinhos, deprimidos, ansiosos, dependentes, assim vive o homem, visivelmente infeliz e para suprir a falta de felicidade que estes seres carregam a moralidade apresenta então formas de adquiri-la, a felicidade desta forma é então mostrada como sendo até mesmo algo de simples acesso.

A moral se apropria do egoísmo do homem e o faz usá-lo de forma altamente errada tornando válidas colocações que dizem que o egoísta é consumidor, quer tudo para si, que seu objetivo é ter. Agora chegamos a problemática apresentada por Fromm em sua obra *SER OU TER?* Erich Fromm apresenta aí dois problemas e mostra a diferença que existe entre eles. Fazendo relação entre Erich Fromm e Ayn Rand, o modo existencial “ter”, que significa possuir, é o que em Rand pode ser interpretado como o irracional. Quanto ao modo de existência “ser” significa o conhecimento necessário para a compreensão de que sua consciência é a única ferramenta necessária para a conquista dos prazeres, no caso da Rand seria o movimento Objetivo da consciência no mundo.

¹⁴ Erich Fromm foi um psicanalista, sociólogo e filósofo alemão nascido em 1900, trabalhou muitos temas filosóficos como religião e liberdade e dono de uma importante teoria existencial, *TER OU SER?*.

Estes são dois orientadores da forma de viver do indivíduo. “A orientação no sentido do ter é característica da sociedade industrial ocidental, no qual a avidez por dinheiro, fama e poder tornou-se o tema dominante da vida” (FROMM, 1987, pag. 39) você é o que possui, o dinheiro, a casa ou seu carro. Por isso hoje o conveniente é possuir, mas isso acaba nos levando a um impasse, por exemplo: um problema é uma experiência subjetiva, algo que está a lhe perturbar, mas quando se diz “tenho um problema” o “Eu” é automaticamente eliminado da experiência. Sem o “Eu” a experiência torna-se impessoal. “Não posso ter um problema porque problema não é uma coisa que possa ser possuído” (FROMM, 1987, p. 41). Este é um caso em que ocorre uma inversão de valores, não se pode ter um problema, pois o problema faz parte de você, é a sua consciência, ou seja, você é seu problema.

O irracional é prejudicial. O modo “ter” como representante da irracionalidade, por exemplo, é causador de um dos temas mais discutidos na atualidade, a diferença de classes, pois esta diferença é definida pelo que se tem. Estamos tentando cada vez mais nos apropriar das coisas, até mesmo da natureza, algo do qual fazemos parte. Aparentemente o homem compreende que o convívio em harmonia com a natureza é fundamental para sua existência, é necessário esse equilíbrio para que ambas as partes prosperem, isso está escancarado o tempo todo em jornais, revistas e etc., que dizem que por conta dos descuidos do homem para com a natureza as consequências poderão levar ao fim dos tempos. Porém, o que acontece é que em prol de resolver seus problemas existenciais o homem ao inverso de tentar viver em harmonia com ela, tenta dominá-la, a verdade é que sociedade industrial despreza a natureza e muitos abraçaram esta ideia, isso porque existia uma promessa por trás de tudo isso, a de que o consumo e a modernidade trariam o progresso, traria felicidade a todos.

Se poluição, aquecimento global e várias espécies de animais que contribuem para o equilíbrio do meio forem instintos para se alcançar o resultado que se esperava de toda essa “astúcia” humana, então, pode-se dizer que suas ações têm dado certo: “O [...] progresso tecnológico ensejou perigos ecológicos e riscos de guerra nuclear” (FROMM, 1987, p. 24). Será se a verdadeira intensão do homem é tirar sua própria vida? Dificilmente. O fato é que com o passar dos anos, com relação as várias fases que passou o capitalismo, o comportamento econômico acabou por se separar da ética e valores humanos encontrando, desta forma, uma maneira de convencer os indivíduos de que o que acontece no meio capitalista é apenas para seu benefício. “Nosso espírito de conquista cegou-nos” (FROMM, 1987, p. 29) e fez isso de maneira tão precisa que hoje agimos sem lógica.

O que Erich Fromm procura mostrar são dois modos de existir, duas diferentes espécies de orientação que fazem referência a relação entre o “Eu” e o mundo. Porém, uma representa um sentido irracional de existência e o outro o sentido racional. Quando Rand coloca que agir em favor do altruísmo, do auto-sacrifício, ou qualquer outro fator que vai contra a própria vida como algo irracional esta é a lógica que ela segue. A lógica de Fromm é excelente, pois retrata muito do que se passa no meio social nos dias de hoje e apesar de uma significativa massa adotar para si um princípio de vida, nem sempre, apenas porque a grande massa decidiu, este princípio é o correto a se seguir, por isso falamos tanto de racionalidade.

Todos carregam consigo um código de valor automático e todas as ações que se executará no decorrer de suas vidas são, na verdade, ações cujo propósito é promover este mesmo código, ações que sempre procuram conforto, sempre à procura de recompensa, um retorno, prazer. Agir de forma contrária, ou seja, sem esperar retorno algum de suas ações de forma que elas venham realmente significar um sacrifício é agir em prol do trabalho improdutivo. Empresas não crescem doando o que produzem deixando assim de lucrar, pois isso seria sua própria destruição. Ser irracional é agir desta forma, significa ir contra seu propósito.

Para Rand, os seres humanos necessitam da existência de valores e isso não pode ser negado, caso contrário nada faria sentido, pois sua própria vida já pertence a um valor que será defendido e usado como padrão de como agir para preservá-lo. Rand explica como se chega a esse consentimento pela primeira vez, ou melhor, como se chega ao conhecimento do que é o bem ou mal. Segundo a ética objetivista será através de suas sensações físicas de prazer e dor esse primeiro contato. Rand diz que estas sensações são o primeiro passo no desenvolvimento de uma consciência, trata-se de uma capacidade do ser humano, algo que faz parte de sua natureza.

A sensação física de prazer é um sinal indicando que o organismo está perseguindo o curso certo de ação. A sensação física de dor é um aviso de perigo indicando que o organismo está perseguindo o curso errado de ação, que algo está interferindo na função adequada de seu corpo, o que requer uma ação corretiva. (RAND, 1991, p. 25)

Mas pensar sempre nesse sentido acaba complicando a ideia que vem se tentando apresentar. Não se pode pensar sempre de forma a romantizar o que se fala sobre determinada coisa. Pensar que as sensações de prazer levam ao sentido positivo no que diz respeito a vida é algo lógico, mas não significa que esta lógica continuará sempre a mesma. Uma pessoa obesa, por exemplo, sente prazer em comer, mas comer, apesar de ser algo prazeroso para ele, não o

leva ao sentido correto da vida uma vez que isso culminará em uma série de problemas relacionados a sua saúde, isto é para ele um problema. Por outro lado, suportar a dor da fome para emagrecer lhe proporcionar saúde e deste modo um vida mais longa.

Por isso deve-se enfatizar mais uma vez a necessidade da reflexão acerca das coisas, por isso a racionalidade deve se fazer presente. “Não se deve nunca falhar ao manifestar um julgamento moral” (RAND 1991, p. 92). Pois falhar, neste caso, representa um erro que custará sua felicidade, por mais que esta consequência seja a longo prazo. O ato de comer nesse caso é algo que se origina de uma falta de reflexão que levará a vida ao sentido oposto do qual se busca, se refere a um vício, a perda do equilíbrio e somente através da reflexão se poderá retornar ao curso certo de equilíbrio.

“Como levar uma vida racional numa sociedade irracional?” (RAND, 1991, p. 92). Vivemos em mundo onde a moral habita por todos os lados, segundo o que Rand apresenta não há como escapar dela, nem este vem a ser verdadeiramente o problema neste meio. Mas existe a necessidade de agir através da racionalidade, ela deve ser o principal guia de ação do indivíduo. Como não há como escapar dos princípios morais que existem desde antes do nosso nascimento tentamos nos encaixar em suas ideias e para isso necessitamos julgá-las. A partir deste ponto reside o problema do destino do indivíduo. Pode ser fácil compreender alguns princípios que existem em nosso cotidiano, porém, aplicá-los a uma determinada situação não deve ser algo tão simples. Vivemos em mundo cheio de opiniões contrárias, criminalidade, intolerância, etc. Neste meio nem sempre o que é bom para um também o será para outro, este conflito de opiniões traz confronto e confronto não significa felicidade. Por isso não se trata apenas de compreender princípios também requer agir e esta não é uma tarefa simples “É uma tarefa que requer o mais preciso, o mais exato, o mais implacável objetivo e um processo racional de pensamento” (RAND, 1991, p. 94)

De novo, diferente de Stirner o problema apresentado por Rand não é um problema moral, acreditar em doutrinas que prometem algo que venha a agradar. Códigos de valores, de acordo com as reflexões acerca de seu pensamento, são necessários, pois é preciso acreditar em algo para que a partir de então se possa viver com base naquilo que se decidiu acreditar. Escolher acreditar em doutrinas que prometem bem-estar quando na verdade elas proporcionam exatamente o contrário do que promete é onde reside aquilo que se deve encarar como problema. Problema este derivado da inconsciência humana, do comodismo que lhes fazem refletir cada vez menos acerca da vida e que fatalmente significará sua desventura.

Refletir de forma a criar conceitos que lhes possibilitará um preparo psicológico acerca de tudo não é algo que acontecerá espontaneamente, é preciso perceber que a vida não é

tão simples. Você escolherá viver em contexto no qual os objetivos e escolhas que irão ser tomadas privilegiarão sua vida, ou viver em um contexto no qual as decisões causarão sua destruição. Este é um caminho que só pode ser escolhido de forma individual, com a consciência desprovida de qualquer impulso, ou sensação, mas apenas racionalidade. A irracionalidade leva a escolhas que podem arruinar a vida. Como? Basta olhar a forma como se adere a determinadas doutrinas e o significado que elas têm na vida do indivíduo.

2.2. Altruísmo: falso juízo para felicidade

É importante fazer referência ao altruísmo em um trabalho desta índole, isso porque seu significado vai contra tudo o que significa o egoísmo. O que se busca fazer aqui é a expressão de uma relação entre egoísmo e felicidade e para isso o egoísmo é apresentado como um valor de progresso. A grande maioria das pessoas do mundo acredita que o altruísmo é a chave deste mesmo progresso, porém, seus princípios e significados não são vistos desta forma. Na verdade, o altruísmo pode ser usado como um perfeito exemplo do que significa um valor de decadência.

Fazendo referência ao altruísmo, Ricard¹⁵, um filósofo que refletiu sobre a temática, coloca: “O elemento essencial portanto, é a intenção que sustenta nossos atos” (RICARD, 2015, p. 42.). Com isto, Ricard refere-se à essência do ato no sentido de o que definirá se uma ação é altruísta ou egoísta. No entanto, é exatamente este o ponto analisado por Rand em *A virtude do egoísmo*, e este contexto só dá ênfase e legitima sua filosofia objetivista, pois se a essência do ato é o que o define o interesse pela recompensa diz que ajudar o próximo, no fim, acaba por não ser altruísmo. Ricard em entrevista ainda diz:

Nós sabemos, no fundo de nossos corações, que em muitas ocasiões a nossa intensão, nosso objetivo, é puramente levar bem-estar ou alegria a alguém ou aliviar algum sofrimento. Sem quaisquer segundas intenções ou interesses próprios. [...] É claro que o egoísmo existe, não duvidamos disso, mas junto com o egoísmo existe também a intensão genuína de ajudar os outros.¹⁶

Quanto a isso, não se questiona a existência de pessoas que realmente acreditam estar agindo desprovido de qualquer interesse. Elas realmente acreditam estar agindo com objetivo de ajudar o próximo apenas por gostar de ajudar. Porém, a tranquilidade, a paz que ganham, o gostar de efetuar determinadas ações já se trata de uma recompensa que se busca,

¹⁵ Matthieu Ricard é um monge nascido na França em 1946, filho do filósofo Jean-François Revel, autor de muitas obras e muito reconhecido por seu trabalho na França. É também o autor de uma obra muito importante para entender melhor esta temática, *A revolução do altruísmo* (2015). Esta é uma obra inteiramente dedicada a falar de todos os benefícios e tirar todo e qualquer tipo de precipitação acerca deste tema.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hM1C7gifRmc>

mesmo que inconscientemente. A inconsciência é o motivo pelo qual não se consegue enxergar tudo isso. Em resumo, o altruísta mais genuíno é na verdade um ser humano inconsciente. Ricard, dando procedimento a seu argumento ainda refere-se a empatia, que segundo ele próprio significa a ação de colocar-se no lugar do próximo, agindo, ou procurando agir sempre de forma a carregar a consciência de que determinadas situações poderiam está acontecendo consigo próprio, procura mostrar que o altruísta genuíno, e somente ele, tem essa capacidade.

Para explicar o que é empatia Ricard usa em sua obra *a revolução do altruísmo* um exemplo de pessoas que ficaram chocadas ao saberem de crianças que se encontravam com câncer em estado terminal. Certamente o choque nesta ocasião fora consequência de um sentimento empático que ocorrera ali. Porém, isto não é um equivalente ao altruísmo, na verdade, este é um mecanismo de defesa natural que todas as pessoas possuem, porém, uns desenvolvem mais que outros, um mecanismo que os protege daquilo que vai contra o juízo de valor mais importante, a vida.

Quando o indivíduo, ao agir empaticamente, resolve ajudar pessoas que passam por necessidades, o faz porque gostaria que fizessem o mesmo com ele caso estivesse em situação parecida e isso trata-se de um *interesse*. O egoísta pode agir de forma empática, assim como também pode não agir, na verdade este será um resultado de outros princípios de valores que o ensinaram a ser desta forma. Rand coloca que quando se escolhe um valor, seja ele certo ou errado, seu mecanismo emocional não o corrigirá caso ocorra um suposto erro, “Ele adotará aqueles valores que foram escolhidos e irá se adaptar a eles” (RAND, 1991, p. 81). Entretanto, não se está a falar que não se acredita na empatia, que ajudar os outros é errado, na verdade estamos falando o contrário disso, porém, acima de tudo tentamos mostrar que existe uma causa para tudo isso e ela não equivale ao altruísmo.

Ricard fala que o altruísmo é essencial porque trata-se de uma questão de sobrevivência os indivíduos tornarem-se mais cooperativos que competitivos. Com isso, mais uma vez seu discurso entra em uma grande contradição e não é preciso muito para percebê-la. É fácil identificar onde está o interesse que torna esta ou aquela uma ação não altruísta. Observe que esta ação só é importante por resultar em uma causa que interessa, neste caso, sobreviver.

Altruísmo significa o preceito de que o homem precisa servir aos outros de modo a justificar a sua existência, como se seu fim existisse nas outras pessoas e não em si mesmo. Esta é uma crença em que muitos acreditam, uma doutrina passada para as pessoas desde seu nascimento – preocupar-se mais com os outros, ajudar o próximo, sentir-se responsáveis por

seu bem-estar. Mas estas são ações que estão sendo efetuadas por se acreditar que este é o certo a se fazer, por se acreditar que o certo é uma obrigação humana.

Ao menos em aparência, basicamente tudo o que se faz no decorrer da vida é na verdade o oposto do que deveria ser feito. Todos têm a capacidade de raciocinar, de agir de forma a promover suas vidas, mas, ironicamente, o que se faz é agir de forma contrária. Se trata como algo virtuoso aquilo que vai contra sua própria existência. O altruísmo é a expressão disso e o pensamento que entende o altruísmo como virtude, conseqüentemente entende como virtude menosprezar a própria vida. Não existe qualquer possibilidade de autoestima em casos assim, não existe produtividade e uma mente que pensa desta forma não pode ser encarada como uma mente saudável.

As ideias que fizeram com que este trabalho fosse desenvolvido não se relacionam com concepções que reprimem atitudes de boas ações. O maior problema está ligado ao que se considera a verdadeira natureza da ação, como considerar que boas ações são sempre as que partem de um princípio altruísta. Com *A revolução do altruísmo* a pretensão era encontrar traços que explicassem e convencessem melhor do que se tratava o objeto, mas o que até aqui a nossa leitura mostrou apenas confirma a ideia apresentada sobre altruísmo ou seja, colocações como: “a verdadeira compaixão é aquela centrada no outro e não em si mesmo” (RICARD, 2015, p. 65) não ajudam a convencer que o altruísmo existe, nem tão pouco que significa algo bom.

Ricard faz uma relação entre compaixão e altruísmo com o intuito de legitimar sua tese e por conta disso conseqüentemente o significado de compaixão transparece o de auto-sacrifício. Porém o significado de compaixão é uma profunda tomada de consciência do sofrimento do outro, o desejo de ajudá-lo vem junto com este sentimento e isto não tem relação alguma com altruísmo, ou auto-sacrifício. Ricard cita a filósofa Myriam Revault d’Allonnes¹⁷ onde acaba por desenvolver um ponto de vista que deve ser mostrado, pois o raciocínio sobre o egoísmo trabalhado aqui segue esta mesma lógica, “É para poupar-me do sofrimento que não quero que o outro sofra e interesse-me por ele por amor a mim... a compaixão não é um sentimento altruísta” (RICARD, 2015, p. 65). Ricard ao tentar explicar sua teoria mostra mais pontos que a derrubam do que a tornam forte. Esta é uma questão de lógica, se se compreende os significados dos fatores (altruísmo, egoísmo, compaixão, empatia, etc.) certamente a conclusão que se irá chegar será a mesma a qual Revault chegou.

¹⁷ Filósofa francesa, professora em universidades da École Pratique des Hautes Etudes (EPHE) e especialista em filosofia Ética e Política.

O amor e a amizade são outros fatores vistos como tendo princípios altruístas. E são pontos como estes que levam a conclusão de que os indivíduos não compreendem seu verdadeiro significado. As pessoas encaram o amor e a amizade como se seus valores fossem abundantemente altruístas, mas, na verdade, seus valores são altamente egoístas. A felicidade significa uma consequência cujo amor e amizade vem a proporcionar “ganha-se uma felicidade profundamente pessoal, egoísta, pela mera existência da pessoa que se ama” (RAND, 1991, p. 59). O homem é capaz de amar, mas não ama a quem não o proporciona nada em troca. O amor desprovido de interesse significa contradição, existe a preocupação para com aqueles que se ama, mas não se ama alguém que não tem influência em nada em sua vida. Esta preocupação é uma parte racional de um interesse egoísta.

Se um amigo de quem se gosta muito passa por necessidades financeiras e você o ajuda isto também não estará sendo feito por se ser uma pessoa altruísta, na verdade, alguns fatores teriam que ser cumpridos para que uma ação deste tipo pudesse ser encarada como tal, não esperar retorno algum desta ação benevolente é um destes fatores. Deste modo, agir de forma a ajudar seu amigo emprestando dinheiro para que ele possa reerguer-se financeiramente, mesmo que vá se precisar deste mesmo dinheiro para gastos futuros, não se trata de auto-sacrifício, pois o bem-estar deste amigo é importante em sua escala de valores pessoais. A exigência altruísta é de que as pessoas vivam com a consciência de que seu fim está em outra pessoa e não em si mesmo. Isso implica na consciência de que você deverá dedicar sua vida em tentar fazer não o bem a você mesmo, mas aos outros. No entanto, existem promessas por trás destas leis – se amar ao próximo será feliz, conquistará a vida eterna, etc. Existem promessas de recompensa por estas ações.

Nietzsche refere-se a este tipo de consciência como “fruto do irracional” e nesta mesma linha acaba refletindo sobre a compaixão a colocando como atividade de natureza altruísta. Ele coloca: “A compaixão contraria inteiramente a lei da evolução que é a lei da seleção natural. Preserva tudo o que está maduro para perecer; luta em prol dos desterrados e condenados da vida [...] através da compaixão a vida é negada [...]” (NIETZSCHE, 2002, p. 15 a 16). Nietzsche é sempre mais cruel em suas colocações, mas isso nem sempre faz dele alguém desprovido de razão, alguém cuja fala não deva se considerar. Em alguns pontos é muito importante para a temática do egoísmo, mas é preciso cuidado ao interpretar estas colocações que podem, inclusive, levar ao oposto do que significa o egoísmo.

Dizer que a compaixão é errada poderá significar a criação de uma nova ideia que se parece com outras que já causaram muita dor. Quem não se lembra do que foi o Nazismo?

Para se alcançar a felicidade não há a necessidade de se sacrificar ou sacrificar alguém em prol de si. Uma coisa é encarar a existência do altruísmo como algo inexistente por consequência de inúmeros pontos, que, através da reflexão se adquire plena consciência desse fato. Mas a ideia apresentada por Nietzsche poderia levar a sociedade a defender a morte daqueles cuja força é insuficiente para sua própria defesa, a morte dos pobres e aleijados, uma vez em vínculo com uma forte ideologia moral. Isso foi o Nazismo ou qualquer sistema totalitário que tem como regra aniquilar o outro.

Muitos quando escutam a palavra “egoísta” mentalizam um criminoso que furta e mata para obter dinheiro, ou aquilo que desejam. Seria melhor para a compreensão desta filosofia que se desconsiderasse este tipo de visão referente ao egoísmo e passassem a considerar o homem que pratica este tipo de ação apenas como sendo um ser irracional e, como um ser irracional, incapaz de conseguir atingir o sentido da vida. Isto acaba por igualá-lo a outros homens cujo preparo é insuficiente para atingir o mesmo propósito. O fato é que este homem não pode ser considerado um representante do egoísmo uma vez que não se trata nem mesmo de um.

Um altruísta é visto como sendo tão irracional quanto o próprio ladrão, mas não no sentido de que ser altruísta é o mesmo que ser ladrão, mas no sentido de que ambos foram corrompidos mentalmente já que não agem de forma a deixar que racionalidade guie suas vidas. O altruísmo acaba por ser uma escolha precipitada de um estilo de vida, pois não equivale ao racional. A razão define o egoísta genuíno. O altruísmo, desta forma, não só é a maneira errada de se viver, pois significa auto-sacrifício e isto não proporciona felicidade, como também é algo impossível de se alcançar, pois é difícil até imaginar alguém conseguindo agir de forma puramente altruísta, desprovido de qualquer interesse pessoal.

2.3. Produtividade: O trabalho produtivo como fator contribuinte para a felicidade

A produtividade para Ayn Rand significa uma virtude humana que possibilita o homem ver que o trabalho produtivo é o único processo sustentável da vida humana. Produtividade é reconhecer que se decidiu optar pela vida. Percebe-se então que a noção de trabalho produtivo em Rand está extremamente relacionado com o fator racional. Este é um ponto da filosofia de Rand que acaba por se assemelhar muito, mais uma vez, com a filosofia

estoica. Em *Da tranquilidade da alma*, Sêneca coloca vários ensinamentos como fatores que poderão proporcionar a tranquilidade da alma e em uma destas passagens coloca que o homem deve dar à sua alma um descanso, pois com este descanso ele se tornará mais capaz perante suas buscas.

Este é um ponto relacionado ao trabalho produtivo à medida que não se terá o mesmo grau de produtividade se o corpo se encontra estressado, cansado da correria do dia a dia. Muitos carregam o pensamento de que dormir menos e trabalhar mais é sinônimo de produtividade, mais êxito em suas tarefas, porém, assim como um motor precisa de descanso quando se exige muito dele o corpo também necessita deste descanso. O que seria melhor, ficar acordado 18hrs por dia com o rendimento em 60% ou 15hrs com o rendimento em 100%? O descanso é tanto melhor para a saúde, quanto para a produtividade.

Um outro exemplo que pode ser colocado para uma melhor compreensão da lógica da produtividade apresentada por Rand consiste na forma como muitos entram em seus meios de trabalho. Muitos simplesmente não consideram as perdas, mas apenas os ganhos que terão ao adentrarem neste meio, como quando se recebe uma proposta de emprego onde o salário proposto é visto como excelente, porém, a exigência é de que se trabalhe sete dias por semana com carga horária de oito horas por dia. Para que serve o dinheiro se não se tem tempo para gastar? Isto não é sinônimo de produtividade.

O trabalho produtivo significa um ponto de extrema importância para o indivíduo porque é o propósito da vida do homem racional. Esta é a razão de sua vida, a lógica que terá de ser seguida. Um taxista não terá dinheiro para alimentar-se e conseguir sobreviver em seu dia a dia se der carona, ele terá que cobrar por suas corridas, este é o propósito de um taxista. Trabalhar de forma contrária é caminhar de forma irracional. Produtividade é o que se procura e o homem racional caminha sempre nesta direção. Por isso o auto-sacrifício não tem sentido.

A ética egoísta a qual refere-se Rand é a criação de valores baseados no princípio de que o homem é um fim em si mesmo e age de forma a preservar-se e fazer sempre aquilo que é benevolente para si. A ética altruísta é exatamente o contrário, significando que o homem deve agir de forma a fazer os outros felizes e não mais agir em prol de sua própria felicidade, sentido contrário ao que Rand coloca como ser produtivo. O altruísmo significa auto-sacrifício, o oposto a felicidade. Quando Rand fala do trabalho produtivo esta é a linha de pensamento que segue, improdutividade é ir contra a vida e se for válida a existência do altruísmo, ainda assim ele significará a escolha errada a se fazer já que significa improdutividade.

2.4. Autoestima: produto maior da racionalidade.

No fim a autoestima aparecerá como resultado de que se conseguiu realizar todo este processo, constitui o orgulho de que se conseguiu enfim chegar onde se pretendia e nesta posição ninguém conseguirá atingi-lo. Um ser de autoestima é aquele que não pode ser abalado, visto que tem plena convicção de quem é. Porém isto não significa dizer que o egoísta não continuará agindo como egoísta, na verdade, Rand expressa o pensamento de que a autoestima mais poderia ser entendida pela expressão “ambição moral”, que significa o fato de que o homem deverá agir com o propósito de atingir sua própria perfeição.

A autoestima é o último estágio do egoísmo, o equivalente ao significado de saúde mental, segundo Rand. Significa um senso de controle da realidade, um equilíbrio do ser que dela é provido. Aquele que possui autoestima é alguém que não é refém do sucesso, da fama, da beleza, pois trata-se de um ser convicto dos únicos valores fundamentais para sua vida, alguém cujo estado psicológico conseguiu se desvincular da moralidade irracional. Em contra partida disto, alguém cuja autoestima lhe falta é aquele que foi vencido pelo irracional, não tem o equilíbrio mental para suportar as injúrias da vida e incapaz de lidar com situações que fora consequências de suas próprias ações.

Ela está acima da moralidade mais comum, aquela que tenta impor justamente o que resulta no oposto do juízo de valor mais importante, a vida. Não é possível de se ter autoestima de forma contrária a racionalidade, pois ela requer consciência da realidade, no entanto, muitas vezes o homem não a percebe ou é impedido de perceber por conta de algum valor no qual acredita. Quanto a isto Rand coloca: “se o homem escolhe não a perceber nada mais há para ele perceber; se ele não tem consciência deste mundo, não será consciente em absoluto” (RAND, 1991, p. 51).

Autoestima para Rand significa viver de acordo com *seus* princípios, viver de acordo com o julgamento de *sua* mente. Quando você respeita sua mente, respeita a si próprio. O indivíduo sem autoestima é aquele que não tem respeito por si, só respeita o outro e por conta disso muitos deixam de fazer aquilo que gostam por temerem julgamentos alheios. Quando se pergunta para outras pessoas de seu corte de cabelo ficou bom e abandona sua própria opinião neste meio, é por dar mais valor à mente do outro do que a sua própria. Mas, a final, para quem realmente se vive? A autoestima é um tema sério e tem que ser discutido, pois tem forte relação com a felicidade. O homem, ao que parece, até percebe isso, não é apenas por coincidência que

existe tantos grupos de apoio com objetivo de restaurar a autoestima de alguém que sofre por sua falta.

Mas desde pequeno o indivíduo é ensinado a colocar seu próximo em primeiro lugar compartilhando quando na verdade não é o que se deseja, ou mesmo escondendo dos outros sua capacidade de atingir um propósito para que o outro se sinta mais capaz de conseguir. A reprodução deste tipo de pensamento leva a perda de toda valorização do “Eu” que o indivíduo um dia viera possuir. Desde pequeno se ensina a falta de autoestima como o correto e quando isso se torna algo desastroso ainda se perguntam como isso pôde acontecer.

Friedrich Nietzsche¹⁸, é alguém que entendeu isto e muito falou a respeito da temática. Cita vários exemplos em muitas de suas obras do quão prejudicial é a falta de autoestima e como estas pessoas lamentavelmente são corrompidas pelo abundante poder que a moral tem sobre as pessoas. “O exemplo mais lamentável: o corrompimento de Pascal, o qual acreditava que seu intelecto havia sido destruído pelo pecado original quando na verdade tinha sido destruído pelo cristianismo” (NIETZSCHE, 2002, p. 12.). A citação refere-se a algo realmente lamentável uma vez que quando se decide aderir a determinada doutrina isto em momento algum é feito com o escopo de se tornar alguém fraco, mas sua inconsciência não o permite ver que é isto o que está acontecendo. Como resultado da falta Nietzsche ainda coloca: “todos os valores nos quais a humanidade coloca seus anseios mais sublimes são valores de decadência” (NIETZSCHE, 2002, p. 13).

O que Rand entende por autoestima consiste em, apenas, compreender sua natureza, pois toda luta do homem até os dias atuais aparenta sua negação. Negar sua natureza em troca de uma ilusão aparenta algo benevolente, isso é certo, algo do qual não se tem nenhuma pretensão de se abandonar, porém, como se trata de uma ilusão, uma hora o real virá à tona e este é o momento o qual muitos não sabem lidar. A racionalidade é o único remédio que poderá combater esse futuro catastrófico.

¹⁸ Filósofo alemão, nascido em Röcken, conhecido por suas críticas e escritor de grandes obras como *O anticristo*.

3. RICHARD DARWKINS E O EGOÍSMO COMO FATOR GENÉTICO

A princípio, este trabalho trata de um tema que está relacionado à ação das pessoas e a forma pela qual elas conseguirão alcançar a felicidade. Mediante tudo isso, é importante mostrar um outro lado desta questão, um lado que se refere a outra área de conhecimento, apesar de este ser um trabalho de índole filosófica, para que a expressão da profundidade do tema seja sanada. O livro *O gene egoísta* servirá a essa função. Em sua obra Dawkins cita poucos exemplos da forma de agir humana, sua intensão com isso talvez seja sair um pouco da mesmice do tema egoísmo, pois sempre está relacionado ao contexto da cultura ou da disposição psicológica dos indivíduos, no entanto, utilizando exemplos que generalizam os seres vivos, abre portas para reflexões que dificilmente se faria sem este “mapa” o qual Dawkins proporciona. Quando Dawkins faz referência a algum ser vivo, hora ou outra utiliza o termo “máquina de combate”, sua pretensão para com o uso do termo é igualar todos os seres vivos que evoluíram e ao utilizar um outro termo talvez este não viesse a ter o mesmo efeito para a compreensão do que se tenta mostrar.

Não é hiperbólico dizer que o homem é egoísta, muito menos dizer que o egoísmo faz parte da natureza humana, basta prestar atenção em suas ações e o que busca cada uma delas, elas sempre terão o propósito de conseguir um bem-estar. Claro, existe a possibilidade de se está errado quanto a isso e que talvez o altruísmo seja um ponto existente que também deve ser considerado, desta forma refletir sobre o altruísmo seria algo tão necessário quanto esta reflexão referente ao egoísmo, mas para que isto aconteça primeiramente o altruísmo deveria ser melhor explicado, e buscas por seu significado já foram efetuadas, como na obra de Ricard citada anteriormente.

Este, como fora dito, obviamente refere-se a um trabalho de filosofia, no entanto, novamente, é extremamente interessante mostrar um outro lado, em uma outra área, os significados que este tema ganha. Isso faz com esta teoria ganhe mais força, pois não se trata mais apenas de pensamentos usados para a formulação de uma teoria, *O gene do egoísmo* acaba sendo escolhido por se tratar de uma obra que utiliza o campo da biologia para sustentar uma ideia de egoísmo. Com a teoria de Dawkins saímos do campo das ideias culturais para o terreno da biologia onde se fala de hereditariedade e inatismo. Deste modo o egoísmo não é mais apenas um conceito cultural, mas um elemento intrínseco (natural) ao modo de existir humano. Em sua obra, Dawkins procura mostrar o egoísmo como fator genético, algo que ainda não havia sido

feito aqui. Quando se fala em egoísmo, uma série de fatores precisam ser incluídos, como o caráter, a subjetividade do sujeito, a sociedade da qual faz parte. Todos estes são fatores que influenciam na forma como se pensa esta temática, mas, quando se fala de egoísmo como algo que faz parte de todos os seres vivos, como sua natureza, paradigmas são rompidos, pois isto significa que por mais que você tenha uma forma de pensar, de cultivar, e participe de um sistema de trocas econômico ou simbólico, todas estas formas apontam para a mesma direção, a do egoísmo.

Não só os seres humanos, como também todos os seres vivos habitam sobre e sob a terra com apenas um objetivo, sua sobrevivência. Em Dawkins, um ato egoísta refere-se àquele que tem como propósito aumentar o tempo de vida daquele que executa a ação. As ações do altruísta têm como objetivo aumentar o tempo de vida do beneficiário, mas diminui o do sujeito que executa a ação, uma vez que estaria agindo em sacrifício por outro. Os exemplos utilizados por Dawkins possibilitam refletir sobre a situação de uma forma desprovida de influências moralistas.

Gaivotas de cabeça preta nidificam em grandes colônias, os ninhos estando separados de apenas poucos palmas. Quando os filhotes eclodem são pequenos, indefesos e fáceis de serem engolidos. É bastante comum uma gaivota esperar que um vizinho vire as costas, talvez enquanto ele está fora pescando, e então lançar-se sobre um de seus filhotes e engoli-lo inteiro. Ela, desta forma, obtém uma boa refeição nutritiva sem ter que se dar ao trabalho de capturar um peixe e sem ter que deixar seu próprio ninho desprotegido. (DAWKINS, 2017, p. 11)

Com isso Dawkins exemplifica uma ação egoísta que não é vinda de um humano, uma ação cujo propósito único que pôde ser identificado trata-se de um interesse próprio. Ao engolir o filhote da gaivota vizinha a gaivota de cabeça preta dá um enorme passo no que se refere ao quesito sobrevivência, isso porque, na verdade, o egoísmo significa um fator que está extremamente relacionado a teoria da seleção natural de Darwin¹⁹. Falando de egoísmo dessa forma talvez fique mais claro o quão sério é esta temática, pois muitos ainda pensam no egoísmo como sendo algo simples e comum, como não compartilhar, ou não ter empatia com a dor dos outros, por exemplo. Porém, como se pode notar, este é um tema que vai muito além de tudo isso. O egoísmo é o responsável pela sobrevivência de todas as espécies que podem ser encontradas na terra, pois só se pode evoluir desta forma.

¹⁹ A teoria de seleção natural diz que os organismos mais adaptados ao meio possuem maiores chances de sobrevivência.

O trabalho de Dawkins confirma tudo o que fora dito no decorrer do trabalho até agora, pois assim como os autores trabalhados anteriormente, Dawkins coloca o egoísmo como fator que proporcionará a felicidade ao ser, ou melhor, é ele que estimula os seres a procurarem viver da melhor forma e, por outro lado, coloca o altruísmo como fator que acaba sacrificando os seres que executam estas ações. Ou seja, com o altruísmo o ser acaba por viver das piores formas para que outros se beneficiem com seu sacrifício. Este trabalho não tem como objetivo provar a não existência do altruísmo, apesar de em muitos pontos transparecer deste modo, pelo contrário, muitas vezes até consideramos sua existência para mostrar o suposto significado de sua natureza, mas todas as conclusões que se chega diz que se o altruísmo existe ele pode ser encarado como a representação do fim de qualquer ser vivo que pratica seus princípios.

[...] as abelhas que aferroam são combatentes kamikazes. No ato de picar, órgãos internos vitais são geralmente arrancados do corpo e a abelha morre logo em seguida. Sua missão suicida talvez tenha salvo os estoques vitais de alimento da colônia, mas ela própria não pode usufruir os benefícios. (DAWKINS, 2017, p. 11.)

Este é um exemplo perfeito do que pode se entender como altruísmo. Em prol da defesa de sua casa, de seu mel e de suas companheiras as abelhas acabam por se sacrificar, suas companheiras e seu mel permanecem intactos, porém, a abelha que praticou o ato de sacrifício não obteve benefício algum. Dawkins ainda fala muita coisa com relação a este tipo de sacrifício e refletiremos sobre isso a seguir, porém, ainda temos que esclarecer o porquê de o altruísmo significar desventura e esta citação demonstra isso com clareza, uma vez que ao executar a ação a abelha acaba morta, ou seja, se se considera a atitude de ferrear da abelha como sendo uma ação altruísta (em defesa da colmeia) esta ação acaba por representar *seu* fim.

Muitos realmente encarariam esta ação como sendo uma representação altruísta, para os que acreditam nisso as consequências da ação já foram apresentadas. Porém, Dawkins não expressa acreditar em sua existência, afinal, que espécie de gene é esse que se auto destrói? O gene preserva a si próprio. Dawkins apresenta exemplos do que muitos encaram como altruísmo, mas apenas para mostrar o resultado de sua existência, pois mesmo em ações que aparentam 100% altruísmo Dawkins ainda as vê como o egoísmo lutando para preservar-se.

Voltando ao exemplo das abelhas e fazendo uma reflexão um pouco diferente da ação de ferrear, apresentaremos agora o lado egoísta da ação para que os vestígios de altruísmo sumam desta lógica. Dawkins diz que o ato da ferroadada só é feito como forma da abelha proteger seu gene. Mas como isso pode acontecer se o resultado final desta defesa é sua própria morte? Sim, ao atacar o invasor no intuito de se defender a abelha morre, porém, a responsável pela

reprodução daquele gene, à abelha rainha, ainda se encontra intacta e é por ela que todas as outras lutarão. É isso que acontece com qualquer mãe ao proteger seu filho, ou filho ao proteger à mãe, elas não compreendem, mas esta é uma defesa daquilo que dará procedência ao seu gene, um instinto que nasce com todo ser vivo.

3.1. A importância dos replicados e da memética na teoria de seleção natural

Os replicadores são o que podemos apontar como base para toda a teoria de Gene de Richard Dawkins, toda ela começa a partir deste ponto. Na teoria de Dawkins um replicador consiste no gene capaz de fazer cópias fiéis de si mesmos, esta é uma forma de se permanecer vivo. Em Dawkins, o replicador também é o início de todo processo de evolução, pois com o “renascimento” o ser tem uma nova chance de adaptar-se ao meio e assim se tornar mais apto a sobrevivência.

Porém, o replicador é um ponto confuso na teoria de Dawkins, pois ele acaba não especificando que espécie de replicador ele se refere. *O gene egoísta* é uma teoria que está vinculada a seleção natural de Darwin e é importante ressaltar que o egoísmo por si só não basta no que diz respeito ao processo de evolução, um ser não irá evoluir se não obtiver a capacidade de replicar-se e a menos que o gene egoísta também contenha a habilidade de replicar-se, ele não irá evoluir. Prosseguindo com o raciocínio, o ponto mais importante é que o ser egoísta também seja composto por uma substância com esta habilidade, caso contrário ele também seria alvo da seleção natural. “Onde houver um replicador capaz de passar suas características para seus descendentes e houver um suprimento finito de “nutrientes” necessários para a replicação, ocorrerá a seleção natural e, por consequência, a evolução” (LEAL-TOLEDO, 2013, p. 188)²⁰.

O fator hereditário é importante neste processo que diz respeito a evolução, pois o novo corpo tem que herdar características do antigo, caso contrário, este corpo recém-nascido terá que começar sua busca por recursos e sobrevivência a partir do ponto zero de partida. Nem um progresso no sentido da evolução fora alcançado. Para estas teorias que falam em evolução terem consistência é preciso considerar um ponto de extrema importância. Estamos falando dos recursos para a reprodução. Se os recursos para sobrevivência forem infinitos qualquer um, mesmo aqueles menos adaptados, poderão sobreviver, pois não existiria a necessidade da disputa.

²⁰ Trabalho de um docente do DTECH da Universidade Federal de São João del-Rei.

Agora, depois do fator hereditário, chegamos a memética, ou meme, que também se refere a um dos responsáveis para a evolução especialmente em Dawkins e neste ponto precisamos especificar a diferença entre hereditariedade e memética, pois apesar de os dois serem considerados meios pelos quais o ser conseguirá a evolução a forma como cada um acontece são completamente diferentes. Segundo Dawkins, podemos pensar o meme fazendo relação com a memória. “Um meme pode ser concebido como uma unidade de cultura, um comportamento ou uma ideia que pode ser passada de pessoa para pessoa. Os exemplos de memes são inúmeros [...]: a moda no vestuário e na alimentação, cerimônias e costumes, arte e arquitetura [...]” (LEAL-TOLEDO, 2013, p. 192) Este é um meio usado para que o herdeiro comece de onde o antigo corpo parou. Isso acontece no mundo selvagem quando as mães ensinam seus filhotes a caçar, ou a sobreviver na selva. Meme refere-se a um processo de aprendizagem, tudo o que o indivíduo é capaz de aprender ou a imitar é um meme.

A memética é um outro alicerce da teoria de Dawkins e por isso ela tem que ser melhor explicada para que não aja confusão ou falhas com relação a compreensão do que tenta colocar Dawkins sobre o egoísmo. A memética, em certas ocasiões e considerando teorias já mencionadas neste texto, pode ser visto até mesmo como vírus que invade a mente do indivíduo, neste sentido ela pode ser encarada até mesmo como o equivalente a moralidade, pois é isso que acontece. Como? Observem a ideia de propaganda, esta é uma ideia que diz que determinado comportamento pode se propagar de pessoa para pessoa. Se refletirmos sobre isso, poderemos perceber que nestes casos quem comanda não somos nós, este é um pensamento que invade nossa mente e que acabamos por imitar.

Porém, há quem discorde deste posicionamento e a forma de discordância que será apresentada agora é o que talvez possa ser aplicado na forma a qual pensamos egoísmo aqui. De fato, em muitas ocasiões o homem age sendo impulsado e assim imitando o que muitos já reproduzem, a moda é um exemplo disso, mas essa é uma forma de agir a qual a reflexão, que se refere a racionalidade, encontra-se totalmente fora do indivíduo. Leal-Toledo apresenta em sua obra argumentos de autores que se parecem com a filosofia deste trabalho. Blackmore²¹ coloca que “o ‘eu’ é um meme, ou melhor, um conjunto de memes extremamente bem adaptados à nossa mente e com uma forte estratégia protetora, pela qual tudo que não é ele é tido como perigoso” (LEAL-TOLEDO, 2013, p. 195). Isto ao que parece acaba por talvez ser aquilo que trabalhamos com Stirner quando fala do “Eu” próprio, o que significa também que

²¹ Susan Blackmore é uma psicóloga, conferencista, radialista, e escritora free-lancer britânica. Ela é considerada por muitos, inclusive por Richard Dawkins, como a principal defensora da teoria da memética.

não há como não envolvermos a filosofia mesmo quando estamos nos referindo a uma área diferente, que é o caso da genética.

Com certeza alguns seres agem por imitação e com certeza um deles é o humano, porém, não podemos falar de meme de forma a ignorar o significado de “aprender” e a relação que isso tem com a memética nos seres vivos. Um falcão sobrevive de uma forma que uma serpente nunca poderá imitar seus movimentos. Talvez o aparato cognitivo humano seja bem mais flexível do que o de outros seres, mas mesmo ele também não poderá sobressair-se a essa lógica, o homem tem o poder de escolha, ele pode escolher o que imitar, mas estamos nos referindo a uma lógica a qual a base que se segue refere-se a sobrevivência e mesmo ele terá que escolher imitar o que lhe fará correr neste sentido, pois agir diferente significa sair do sentido racional da mente indo em direção ao perigo a qual refere-se Blackmore.

Quando Dawkins cria o conceito de meme em 1976, o faz com o propósito de mostrar que o importante para a evolução não era ser uma molécula de DNA, mas ser um replicador capaz de fazer com que seu sucessor tenha suas características e tudo o que aprendeu em sua experiência de vida. Porém, este conceito ficou perdido sendo citado poucas vezes e como não era claro seu significado só aparecia como alvo de críticas. Mas em 1991 Daniel Dennett, um filósofo estadunidense, pesquisador da mente, dedica um capítulo inteiro de sua obra *Darwin's Dangerous Idea* (A ideia perigosa de Darwin), para explicar do que se trata esse conceito criado por Dawkins.

Mediante tudo isso o que torna o trabalho de Dawkins algo complexo consiste em o que se entende por memética sendo trabalhada ao mesmo tempo que a ideia de gene, porque apesar destes dois pontos serem trabalhados como aliados da teoria de seleção natural, eles não agem da mesma forma. Além disso, o egoísmo como fator genético ainda reside neste meio e a memética acaba por ser interpretada como mais uma forma do organismo agir egoisticamente. Porém, o meme não pode ser considerado como tendo um princípio genético, pois ele não passa seus conhecimentos e costumes através de seus genes, mas indica que esse comportamento do indivíduo é passado culturalmente.

Mas diante de tudo isso, ainda existe algo que torna a teoria de Richard Dawkins extremamente importante e isso independe de se os organismos imitam ou não seus antecessores ou se eles têm ou não a habilidade de criarem réplicas de si. Essas são habilidades que apenas os tornam mais aptos a permanecerem vivos e serem fortes no que diz respeito a teoria de seleção natural de Darwin. Mesmo aqueles menos adaptados não dedicam sua existência a

esperar a hora de sua morte, eles, independentemente de suas habilidades também buscam sobreviver e é neste sentido que trabalharemos a teoria de Dawkins a seguir.

3.2. O propósito de todas as ações dos seres vivos

Todas as ações dos seres vivos têm um propósito, elas buscam algo e agora refletiremos para qual rumo cada uma destas ações dirige-se. Observem como as espécies agem, muitas vivem em grupo e não é raro de se ver membros destes grupos protegendo uns aos outros, como as abelhas, por exemplo. Estas atividades grupais ajudam as espécies a se manterem vivas e não se pode negar que esta significa uma estratégia muito eficiente no que diz respeito a sobrevivência. O fato destes animais conviverem em grupo não condiz em nada com qualquer teoria que diz que esta é uma atividade desinteressada, afinal, existe aí o interesse pela sobrevivência e isto desmente qualquer uma destas teorias. É claro que existem diversos casos de atividades que aparentam abnegação, na verdade, muitas espécies se submetem a perigos extremos para simplesmente salvar um outro de sua espécie e até aí não se pôde testemunhar nenhum retorno aparente para o “herói”. Porém, apesar das aparências, os seres vivos não agem desprovidos de interesse.

Dawkins chama esses movimentos de “seleção de gene” e que muito se parece com a seleção natural de Darwin, porém, a seleção de gene apresenta uma pequena diferença. A seleção natural diz aquele que é mais adaptado ao meio é o mais apto a sobrevivência, na seleção de gene aquele que irá sobreviver será o mais egoísta, este é o foco do trabalho de Dawkins. É a sobrevivência que está em jogo quando pinguins hesitam em pular na água com medo de serem mortos por predadores que esperam por eles nas águas frias. Eles se empurram na esperança de que um caia na água e tire a dúvida da presença de um predador. Os predadores dos pinguins em questão física sem sombra de dúvida são mais fortes, porém, nem sempre vencem este duelo, afinal, se o pinguim permanecer em solo firme conseguirão se manter vivos e permanecendo vivos são vencedores. É fato que muitas espécies já não existem no mundo, certamente seu egoísmo não foi o responsável pela catástrofe, o mais correto seria afirmar que o que ocasionara sua destruição fora somente o egoísmo de uma outra espécie mais adaptada,

essa é a lógica do universo, a vitória de uns é a derrota de outros.

Mesmo no grupo dos altruístas quase com certeza haverá uma minoria dissidente a qual se recusa a fazer qualquer sacrifício. Se houver apenas um rebelde egoísta, pronto a explorar o altruísmo dos demais, então ele, por definição, tem maior probabilidade do que os últimos de sobreviver [...]. (DAWKINS, 2017, pág. 13.)

O foco desta citação é mostrar como os seres sobrevivem. O “altruísmo” é, desta forma, apenas mais uma estratégia usada para sobrevivência do gene. Mas em contrapartida desta estratégia, ainda existem aqueles que conseguem tirar proveito deste modo de agir. Mais uma vez é preciso reforçar que o foco deste trabalho não consiste em discutir a existência do altruísmo, mas sim discutir a virtude que é o egoísmo, porém, como esta moeda só possui duas faces é impossível falar de uma sem mencionar a outra, uma vez que a existência de uma contradiz a outra. Eis então mais uma semelhança da teoria de Dawkins e a teoria de Darwin: se a existência do altruísmo for válida ela só serve para facilitar a vida do egoísta, o egoísta quer o melhor para si e o altruísta deixa isso mais fácil, uma vez que ao inverso de querer seu próprio bem preza pelo bem alheio. Seguindo esta lógica, obviamente, o egoísta terá mais chances de sobrevivência e reprodução. Moralmente falando, isto é algo realmente lindo, porém, esquecendo qualquer tipo de doutrina, será o altruísmo o modo correto a se seguir?

Podemos frequentemente nos comportar egoisticamente como indivíduos, mas em nossos momentos mais idealistas reverenciamos e admiramos aqueles que colocam em primeiro lugar o bem-estar dos outros. No entanto, ficamos um pouco confusos sobre quão amplamente queremos interpretar a palavra “outros”. [...]. Em outro nível a nação é uma beneficiada importante de nosso auto sacrifício altruísta e espera-se que os rapazes morram, como indivíduos, para maior glória de seu país. (DAWKINS, 2017, p. 14)

O altruísmo é algo confuso. Primeiro prezam pela vida do próximo, porém, em outros momentos o melhor a se fazer já não reside neste amor. Nesse caso só devemos amar o outro até um certo ponto? O fato é que existem limites para se amar ao próximo quando, na verdade, não deveria existir, não existe altruísmo quando se está em guerra entre nações, é como tirar uma licença para deixar de praticá-lo por determinado período, mas isso não existe. Poucos admitem, mas a verdade é que *todos* os seres vivos competem entre si – por recursos, espaço, riquezas, etc. Pessoas são pessoas independente de suas crenças ou estado que vivem, mas o mundo vive separado por grupos e esses grupos são formados pelo egoísmo dos indivíduos que precisam suprir suas necessidades e para isso necessitam de ajuda, a natureza é assim e existem diversos exemplos de outros animais que agem dessa forma.

Esta forma de agir humana é o que Dawkins chama de seleção de grupo, esta é uma teoria já mencionada que diz que as chances de sobrevivência de um ser se multiplicam quando se trabalha em grupo, como as manadas de búfalos que se mantêm juntas para se protegerem

de seus predadores, ou mesmo as abelhas que se juntam em um ataque feroz contra o invasor de sua colmeia para expulsá-lo e manter a colmeia a salvo. Diversas formas de grupos que podem ser encontrados no meio social, da família à nação, tem este propósito, mas isto não pode ser interpretado como altruísmo e o que justifica o fato de muitos acharem pensamentos empáticos e gestos de caridade algo genuinamente belo é o fato de todos os indivíduos que fazem parte do meio social serem ensinados a reagir desta forma, esta é uma questão moral.

Eis então uma reflexão de Dawkins referente ao começo dos tempos, quando tudo não passava de moléculas que se reproduziam e brigavam entre si para eliminar aquelas cuja composição se diferenciava da sua. Podemos entender esta divergência inicial como molécula de composição A contra a molécula de composição B. A primeira agredia a segunda com intuito de destruí-la e assim tornar-se única, mas a segunda se reproduzia mais rapidamente, desenvolveu este mecanismo para que não fosse derrotada facilmente pela molécula A que era mais agressiva e aprimora sua defesa a cada ataque rival. Ainda nessa linha de raciocínio Dawkins coloca:

Eles não morreram, pois são antigos mestres das artes de sobrevivência. Mas, não os procure flutuando livremente no mar. Eles abandonaram esta liberdade nobre há muito tempo. Agora eles apinham-se em colônias imensas, em segurança dentro de robôs desajeitados gigantescos, murados do mundo exterior, comunicando-se com ele por meio de vias indiretas e tortuosas, manipulando-o por controle remoto. Eles estão em mim e em você. Eles nos criaram, corpo e mente e sua preservação é a razão única de nossa existência. Transformaram-se muito, esses replicadores. Agora eles recebem o nome de genes e nós somos suas máquinas de sobrevivência. (DAWKINS, 2017, p. 21)

Isso significa que, não importa o meio que irá ser utilizado, todo ser vivo possui sua própria estratégia de sobrevivência seja agredindo e se mostrando superior em questão de força, seja fugindo e preservando sua vida desta forma, ou mesmo morrendo, mas com a capacidade de reproduzir-se bem mais aprimorada do que a da maioria. Todas estas são formas de preservar o gene. O gene é um sobrevivente que batalha há muito tempo em prol da vida e as pessoas, os animais, as plantas, etc., são suas ferramentas usadas em benefício deste bem, cada uma com sua função, seu método, máquinas projetadas para proteger o gene nos mais variados ambientes.

Como todo esse processo ocorre até chegar ao ponto de existirem máquinas as quais servirão para a proteção do gene é algo extremamente interessante. “As moléculas de DNA fazem duas coisas importantes. Em primeiro lugar, elas replicam-se, ou seja, fazem cópias de si mesmas. Isso tem continuado ininterruptamente desde o começo da vida” (DAWKINS, 2017,

p. 23). O corpo humano é composto por milhares de células e todas, com exceção de uma pequena minoria, carregam o DNA²² onde encontra-se o gene. No entanto, a princípio, todos nós nascemos de uma única célula que por si só não possui da habilidade da replicação, ela pode ser chamada de espermatozoide²³. Mas o instinto de sobrevivência desta célula o faz ir em busca de uma outra, o óvulo²⁴, para iniciar todo esse processo de criação de um novo corpo. Ou seja, sem um parceiro para procriar a espécie humana não teria evoluído, porém, ela também não se entregaria a morte, lutaria pela sobrevivência até que chegasse seu fim.

Um corpo armazena milhares de células que trabalham em conjunto e se o gene egoísta se encontra em um corpo, este estará presente no processo de formação de um outro. O gene egoísta pode até não ser o responsável para que essa reprodução aconteça, entretanto, ele é o responsável pelo instinto de querer sobreviver, a habilidade de se replicar é apenas algo que torna essa uma dádiva duradoura. Seu objetivo é permanecer vivo, por isso ele cria réplicas e isso é como colocar a si mesmo em cada novo corpo que será concebido. É claro que esse processo está sujeito a falhas, a infertilidade, a perda da habilidade da reprodução é um exemplo disso, porém essa não é uma falha proposital. O objetivo do corpo ao reproduzir é, no ato de reprodução, passar toda a sua genética para um novo corpo para que assim se mantenha vivo. É desta forma que os genes sobrevivem pulando de corpo em corpo no decorrer das gerações.

Olhem para essas habilidades, o gene tem uma capacidade de sobreviver incrível. Podem viver milhões de anos trocando de corpos, que é o que significa a procriação. Porém, e é disto que se trata a seleção de gene, alguns não conseguem manter sua espécie, estes são os organismos que podem ser chamados de menos adaptados. Não se pode esquecer que a obra de Dawkins faz referência a teoria de Darwin e obviamente os menos adaptados são os que tem menos chances de sobrevivência. Se a raça humana hoje vive é porque elaborou estratégias de sobrevivência que foram eficientes até agora, o mesmo não se pode dizer de diversas outras espécies que hoje estão extintas, mas o mais importante a ser compreendido neste meio é que todos os seres que ainda permanecem vivos, mesmo que a habilidade de se replicar não seja algo que todo egoísta venha possuir, ainda assim isso se deve a ele, ele é o responsável direto pela sobrevivência. Pois assim como vários organismos já estariam extintos sem a replicação,

²² DNA, ou Ácido Desoxirribonucleico é uma estrutura onde está contida toda informação do ser, todas as suas características. Ele contém informação que diferencia até mesmo seres da mesma espécie e é através dele que os seres transmitem algumas de suas características para seus descendentes.

²³ Espermatozoide é a célula de reprodução masculina dos animais que se reproduzem através de reprodução sexuada, ou seja, através da fusão de dois tipos de células.

²⁴ Célula de reprodução feminina, é ela que o espermatozoide procura para a fecundação.

esta habilidade por si só também não seria suficiente nesta caminhada, não a tua disso, diversas espécies com a habilidade de replicação foram vítimas da seleção natural.

O gene egoísta tem a vitória como propósito e todas as ações de um ser possuinte deste gene seguirão em busca deste caminho. Caso a existência do altruísmo tiver que ser considerada, façamos então uma reflexão de como ele agiria neste mundo: o gene egoísta busca lutar por sua vida, o altruísmo significa o inverso disso, ou seja, prezar pela vida alheia à sua. São muitos os genes brigando entre si por cada cromossomo²⁵ ou cada fenda de cromossomos os quais darão origem a outro ser abrigando aquele mesmo gene. Hesitar lutar por si próprio significa deixar de existir. É isso que torna o altruísmo algo sem sentido, afinal, se o altruísta deixa de lutar por sua existência se sacrificando em prol de outros que por sua vez são egoístas sua existência está fadada a acabar.

Como se sabe os seres vivos se dividem em muitas espécies e seus corpos não lhes permitem agir da mesma forma, um urso, por exemplo, não consegue voar, cada um sobrevive em seu território, isso é chamado de habitat natural. Observem também as funções dos músculos, ou a forma como se desenvolvem alguns ossos de alguns seres vivos. Alguns deles sobrevivem usando a boca e mandíbula como sua ferramenta de sobrevivência mais eficiente, como os crocodilos, os lobos entre outros, e por isso a mandíbula e arcada dentária suportam pressão muito maiores que a de outros animais cuja boca não tem a mesma função, como os coelhos, por exemplo, que por sua vez usam sua velocidade em seu favor, seus músculos, responsáveis por proporcionar esta velocidade influenciam muito em suas técnicas de sobrevivência. Se formos comparar corpos certamente este texto ganharia muito volume e este não é seu propósito, o que queremos é salientar a forma a qual os genes evoluíram seus corpos para que desta forma sobrevivessem.

Os corpos foram feitos para agir em favor do bem-estar do gene, seja qual for esta forma de agir – fugindo do predador, usando seus corpos como disfarce. No fim cada uma destas ações só terá um significado, sobrevivência. Mesmo aqueles corpos que aparentam fragilidade, é preciso lembrar que, mesmo estes, encontram-se em vida e se ainda podem ser encontrados nesse estado isso significa que ele possui sua técnica de adaptação, do contrário já teria sido extinto. A seleção natural não favorece os menos adaptados, é severa, observem as espécies:

²⁵ Longa sequência de DNA, nela se encontram vários genes. O cromossomo é algo que está diretamente ligado a herança hereditária do ser vivo.

As máquinas de sobrevivência de espécies diferentes influenciam-se mutuamente de várias maneiras. Elas poderão ser predadores ou presas, parasitas ou hospedeiros, ou competir por algum recurso raro. Elas poderão ser exploradas de maneiras especiais, como por exemplo quando as abelhas são usadas pelas flores como carregadoras de pólen. (DAWKINS, 2017, p. 56)

As técnicas de sobrevivência desses genes, ou a maneira como eles utilizam os corpos não são todas iguais, mas, ainda assim, sobrevivem. Ver como esses genes sobrevivem é cativante, como agem frequentemente a procura do que é benéfico para sua sobrevivência. As batalhas recorrentes entre animais da mesma espécie não fogem à lógica de Dawkins, esta é uma busca pela riqueza de determinada área que irá beneficiar seu gene seja no sentido alimentício ou mesmo no sentido de reprodução com uma parceira sexual para acasalar e manter desta forma seu gene vivo. O homem é bem semelhante, também briga por território, para reproduzir-se enfim. Na verdade, este texto retrata bem a semelhança que existe não só entre homens e animais, mas a semelhança que existe entre os seres vivos.

As vezes para se conseguir chegar em um estado benevolente para si é preciso lutar contra um concorrente que também procura o mesmo, a agressividade a qual muitos animais possuem é uma ferramenta que será usada para este propósito, são seres preparados para se defender e defender seu território caso preciso. Algumas espécies, tais como os leões marinhos hora ou outra terão que brigar entre si em prol de riquezas encontradas em determinado território, isto acontece, mais uma vez, para que o gene seja beneficiado. Os leões marinhos são animais que possuem armas um tanto perigosas como seus dentes afiados que podem facilmente levar seu adversária a morte, ao travar uma batalha as chances de um desses guerreiros sair com ferimentos mortais são consideráveis, no entanto, com seu instinto, muitas vezes o que poderá vir a acontecer é um deles desistir e simplesmente fugir para seu próprio bem-estar. Com isso ele poderá recuperar-se e tentar conquistar um outro território.

Para cada corpo existe sua própria estratégia, corpos diferentes exigem estratégias diferentes. Jamais alguém irá presenciar um falcão usando seu corpo para sufocar sua presa até a morte para sequestramente devorá-la, seu corpo não lhe permite executar tal façanha. Ao inverso disso usam suas garras e picos afiados para capturar e dilacerar suas presas. As estratégias se diferem, exceto em um aspecto que pode ser chamado de instinto de sobrevivência, não existe precipitação ao colocar desta forma, mas é preciso lembrar que tudo isso é o que equivale ao egoísmo.

Observem também como funciona o cérebro. Ele também é um forte fator que contribui diretamente nas ações que visam o bem-estar do corpo. Na verdade, são muitas as funções exercidas pelo cérebro, mas para além de todas uma delas significa a capacidade de armazenar memórias vivenciadas no passado, isso ajuda o ser que as viveu a evitar que ocasiões que foram desagradáveis no passado voltem a acontecer. Um rato não cai em uma ratoeira porque pensa que vale apenas ariscar sua vida em prol da comida que vê a sua frente, ele cai porque acha que não existe perigo ali. Porém, se ele for pego, mas consegue sobreviver dificilmente ele se submeterá a tais circunstâncias novamente, mesmo elas significando a possibilidade de alimento. Isso acontece porque seu cérebro gravou o ocorrido deixando-o preparado para que o mesmo não ocorra novamente.

Atentem-se para as técnicas de adestramento, a lógica é mesma do caso do rato que acabou de ser mostrada. Estas técnicas de adestramento consistem em “educar” determinado animal fazendo com que, desta forma, ele execute todos os comandos que foram ensinados a fazer. Muitos animais são comuns de se ver sob este processo de treinamento – cachorros, ratos, elefantes, galinhas. Em mais detalhes este processo funciona da seguinte forma: o adestrador dá um comando dizendo uma ação que ele quer que o animal execute, como sentar, por exemplo. O adestrador pode ficar ali por horas dando o comando com o animal simplesmente a olhar para ele sem nem mesmo entender o que está acontecendo, mas quando o animal resolve por acaso sentar-se o adestrador o premia imediatamente com um petisco. O animal pode até não associar a ligação entre o comando, a ação de sentar e o prêmio de forma imediata, mas quando ele perceber que cada um destes fatores o leva a uma premiação, sempre que ele ouvir a palavra “sentar” ele a executará, mas apenas porque sabe que será recompensado.

Os animais selvagens também contam com essa função do cérebro para guiá-los em seu dia a dia. Suponhamos que um filhote de leão cresce sendo agredido por um leão mais velho, o filhote terá a tendência de recuar sempre que o leão mais velho se aproximar, pois sabe que o leão é forte e poderá agredi-lo como já o fez no passado. A experiência que tem o filhote destes encontros o faz não atacar, recuar parece ser o correto a se fazer nestas ocasiões e sua recompensa será passar impune, pois os genes do filhote estão interessados em sobreviver e sua memória armazenada lhe mostra que é perigoso confrontá-lo por isso não o faz. Isso é colocado para mostrar mais uma das ferramentas que os seres possuem para sobreviverem, assim como as garras da águia, os dentes e mandíbula do crocodilo, ou a velocidade do coelho, todas elas são utensílios que mostram que os genes evoluíram e só possuem um propósito.

A sobrevivência do gene, ou melhor, a forma como os seres vivos agem para proteger seu gene é o ponto chave de discussão neste capítulo. Estamos falando de técnicas de sobrevivência, de seres que buscam sempre preservar seu gene e por conta disso o altruísmo acaba por ser um ponto sem importância aqui. Dawkins cita o exemplo das abelhas kamikazes e alerta que este é o tipo de ação que mais se parece com uma ação altruísta, porém, mesmo esta ação ainda não pode ser encarada como tal, uma vez que tem como objetivo final recompensar a si, quanto a isto Dawkins ainda coloca: “Se o gene para o albinismo pudesse fazer com que um de seus corpos salvasse as vidas de dez corpos albinos, então mesmo a morte do altruísta seria amplamente compensada pelo número aumentado de genes para albinismo” (DAWKINS, 2017, p. 72).

No mundo onde os seres vivos habitam não existe troca de gentileza, toda ação tem o propósito de beneficiar a si próprio. No caso do gene para o albinismo isso não ocorre de forma diferente, por exemplo, as ações ditas altruístas entre membros de família só acontece porque existe a certeza de que naquele outro corpo reside o mesmo tipo genético que seu corpo carrega. No caso do albinismo a cor da pele torna-se um fator extra para a identificação do mesmo gene em um outro corpo, a pele albina funciona como um rótulo que faz com que o gene reconheça uma réplica de si.

Em outra análise referente a estas situações ditas altruístas Dawkins coloca: “Se um indivíduo morre afim de salvar dez parentes próximos, uma cópia do gene para altruísmo de parentesco poderá se perder, mas um número maior de cópias do mesmo gene será salvo” (DAWKINS, 2017, p. 73). Esta é uma situação em que o gene “tem certeza” de que o outro trata-se de uma réplica sua já que faz parte da mesma família e o que ocorre é que ao praticar a ação “altruísta” mesmo que o gene presente no corpo sacrificado se perda suas réplicas ficarão a salvo e isso significa que poderão continuar a multiplicar-se. Por isso é tão comum de se ver gestos “altruístas” em uma relação entre pai e filho, ou mãe e filho. “[...] o gene poderá ser capaz de auxiliar réplicas de si próprio localizadas em outros corpos. Se isso ocorrer, parecerá altruísmo individual, mas realizado pelo egoísmo dos genes” (DAWKINS, 2017, p. 72). É como tentar salvar uma parte de si próprio, mas essa parte estando fora de seu corpo.

Um outro fator que confirma a presença do gene egoísta nos seres vivos é o ato da procura do gene por seus parceiros sexuais. Reproduzir significa para o gene manter-se vivo e por isso é importante que seu gene não seja depositado em um corpo que não poderá exercer funções básicas de sobrevivência. O DNA carrega toda a estrutura de um ser, e ao procriar muitas destas características poderão ser encontradas no novo corpo, por isso ninguém se

apaixona à primeira vista por um aleijado, o que se procura são corpos saldáveis para que ao procriar o novo corpo fruto desta procriação nasça inteiramente saldável.

Neste ponto, todos os fatores que se pretendia apresentar para uma compreensão do significado do egoísmo com referência a esta temática já fora apresentado. A área de pesquisa referente a formulação deste capítulo se difere das demais já apresentadas aqui, porém, esta se refere a uma obra importante, pois contribui com um conteúdo que acaba por elevar a temática do egoísmo a um outro patamar. O objetivo deste trabalho sempre foi excitar o leitor a reflexões que lhes proporcionarão um outro mundo, uma outra visão referente a esta temática. O texto de Dawkins traz muito do que Darwin trabalhava, o que faz Dawkins em sua obra é mostrar que a força²⁶ a qual se referia Darwin significa na verdade o gene egoísta.

²⁶ Referência a teoria da Seleção natural de Darwin que diz que o mais adaptado ao meio sobreviverá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, depois de tudo o que foi colocado neste texto o que se espera é que o leitor compreenda o significado que tem esta temática. Poucos são os que pensam o egoísmo ao menos de forma parecida a que fora apresentada aqui. O egoísmo sempre é mostrado como sendo uma representação do mal. Claro, muitos dos indivíduos nem mesmo podem ser culpados disso, afinal, são anos de doutrinação ensinando como agir, como pensar, o que é certo e uma outra infinidade de aspectos. Livrar-se disso sozinho é algo realmente complicado, pois o ponto mais importante para uma liberdade de pensamento é justamente o que o homem perdeu.

Stirner vê o egoísmo como o ponto o qual o indivíduo poderá sair de um aprisionamento gigantesco cujo objetivo é fazer com que o indivíduo perca cada vez mais o conhecimento de si. Somente esta forma de existência poderá fazer com que o sujeito crie força para superar qualquer obstáculo que tente lhe impedir. Com o egoísmo genuíno jamais uma entidade moral voltará a oprimi-lo, pois a opressão começa com o indivíduo e sua carência de compreensão sobre si mesmo.

Ayn Rand pode não apresentar uma forma de pensamento que segue sempre a mesma linha de Stirner, porém, a essência de seu pensamento é bela. O egoísmo é virtude em Rand porque ele significa racionalidade, mas atenção, esta é uma referência ao verdadeiro egoísta. Com exceção do problema de Stirner com a moral o pensamento dele e o de Rand se assemelham, os dois compreendem que a racionalidade é a chave para o “Eu” que o indivíduo possui. Porém, em Rand, a moral jamais poderá fazer mal ao indivíduo que resolveu aderir a determinado pensamento, a determinada lei, contanto que haja a consciência de que só está a agir desta forma porque tem conhecimento da situação e que fez isso em um estado predominante de razão.

Richard Dawkins nos dá a chance de perceber o significado de nossos movimentos, nossas ações. É Dawkins que mostra a lógica que Ayn Rand trabalha em seu texto quando diz que se agirmos sempre em benefício alheio aos nossos interesses o resultado significará nosso próprio fim e Dawkins faz isso mostrando que não apenas as pessoas agem dessa forma, mas todos os seres vivos, pois essa é a sua natureza. O egoísmo não se trata de uma anomalia, mas infelizmente é desta forma que o indivíduo trata sua própria natureza.

Quando estes autores falam de egoísmo não estão se referindo a ele como um extremo, na verdade, esse é o ponto chave de toda essa discussão. O egoísmo é o que podemos

chamar de um ponto de equilíbrio e é a partir deste ponto que poderemos enxergar que tudo o que é apontado como características egoístas deixam de fazer sentido. Quando Sêneca coloca que somente o indivíduo junto a sua subjetividade pode alcançar a felicidade se refere ao egoísta, mas não no sentido de que o egoísta fará outra pessoa sofrer para que seus desejos prevaleçam, não se trata de controlar ou tentar influenciar outras pessoas, não se trata de arrogância. Sêneca se refere a busca pelo equilíbrio e essa é uma busca *individual*.

Quando Nietzsche fala do corrompimento de Pascal está se referindo a perda do equilíbrio de um indivíduo que pensa que seu corrompimento é deixar de seguir leis mundanas para seguir a si próprio, quando seu verdadeiro pecado é achar que o mundo é correto. A perda da autoestima é a perda do equilíbrio, pois é neste momento que o homem deixa de acreditar em si mesmo. Corrompido é aquele que não acredita em si, esta é na verdade a maior dificuldade do homem, significa um estado de derrota. O egoísmo não é um tema comum de ser trabalhado, os números ainda diminuem quando se refere ao egoísmo como virtude. Porém, este é o propósito, buscamos conquistar atenção através da curiosidade do leitor em saber quais atributos que um tema de caráter tão “nocivo” tem para mostrar.

Devemos a todo momento buscar a sensatez, temos que ser pessoas sensatas. O egoísta mata, o egoísta rouba, o egoísta executa diversas outras ações cuja prática acaba por dá-las essa fama. Queríamos poder dizer que estas não são ações egoístas, mas estamos trabalhando uma teoria que diz que todos agimos desta forma. Rand parece defender uma ideia de que quem é racional não é egoísta, mas isso é exagero. Se nos movemos sempre à procura do que beneficiará a nós somos egoístas, mesmo desprovidos do racional que ela fala. Contudo, o que não podemos é falar que estamos a viver o egoísmo de maneira correta. O egoísmo é o responsável por tudo, incluindo o que é mal. Porém, equilíbrio é o fator que fará a diferença nesse meio. As tragédias são ocasionadas pelo desequilíbrio, pela irracionalidade, a responsável por toda desventura humana. As pessoas devem fugir do irracional.

Quando Stirner acusa a moralidade pelo problema da infelicidade do homem se refere as formas como algumas medidas são tomadas. Por exemplo, por acaso todos os indivíduos participam de algum tipo de reunião para que de acordo com o consentimento de *todos* as leis possam ser criadas? Claro que não, elas são feitas tendo como base suposições do que pode ser o melhor para *todos* e obviamente deixa muitos insatisfeitos, pois isso é algo impossível. Por isso depositar confiança no próximo é correr para a infelicidade, pois ele nunca poderá sequer entendê-lo por completo. O indivíduo é o único que pode lutar por si, outro não poderá o fazer porque não tem total conhecimento de outra realidade alheia a sua.

A ética objetivista de Rand refere-se a uma conduta moral, porém, antes de tentativas de analisar o atrito com a teoria de Stirner o objetivismo significa uma conduta cuja regra principal é que o indivíduo deve ter *sua* vida como padrão de valor. Esta é uma conduta moral que diz para sermos egoístas, outra forma de existência é ilógico. O interessante de se refletir sobre essa linha de Rand é que ela coloca o egoísmo como uma medida de sobrevivência onde já poderíamos fazer relação com Dawkins, mas antes disso o que pretendemos é mostrar que o egoísmo é o princípio abstrato que cada homem possui individualmente, por isso princípios que não tem sua base no egoísmo não possuem lógica.

Dawkins comprova que todos somos egoístas por natureza, todos agimos por interesses próprios e isso nos joga na mesma panela do egoísmo. Porém, ainda existe um ponto de muita importância que deve ser enfatizado aqui e isto não é tratado por Dawkins. Este é o momento de lembrarmos de Stirner e Rand, são eles que mostram a chave para se atingir o egoísmo genuíno. Ser egoísta é uma lógica que está apontada em direção a vida, agir sempre neste sentido não é possível quando desprovido de razão.

Hoje o homem vive descuidado, esse descuido é um derivado do conforto que a moral proporciona. Da moral muito já foi falado e sabendo agora do que se trata será este um motivo para se descuidar? Na verdade, esse é um motivo para atenção e se existem aqueles que acham que o indivíduo precisa de um princípio moral para lhe guiar quem somos nós para repreendê-los? Somente o próprio sujeito compreende sua realidade e se for sábio nenhuma moral poderá derrubá-lo. Se existem aqueles que abominam qualquer ideia que dê prioridade a uma doutrina também não podemos julgar, certamente existem motivos para isso. É claro que a moral pode prejudicar, pois ela é também um derivado do egoísmo e seu objetivo *nunca* será beneficiar outros primeiro que si, juntando isso e o despreparo psicológico dos indivíduos certamente algumas vezes alguém sairá ferido. A moral do homem manipula os indivíduos para que se inclinam, de forma despercebida, a sua vontade. Porém, quando Rand diz que precisamos deste juízo não se refere a juízos alheios, a referência que faz é a de que o homem através de sua racionalidade formule seus próprios princípios que deve ter sua vida como sua principal base.

Poderíamos ficar muito tempo discutindo esta temática, discutindo diferentes pontos de vistas relacionados ao mesmo, como quando falamos que a felicidade só pode ser conseguida através do egoísmo, com isso não estamos tentando definir felicidade para as pessoas. A felicidade pode ser interpretada como qualquer coisa – consciência tranquila, está com a família, paz de espírito, servir a Deus, sair com os amigos, fazer doações – isso não faz

nenhuma diferença com relação ao que estamos falando. O ponto em questão é que nenhuma forma de felicidade pode ser conseguida de outra forma se não a egoísta, pois a felicidade é um interesse que se busca.

A problemática aqui não reside em dizer que o egoísmo é algo puramente generoso, pois escolhas mal feitas também tem seu princípio nele, porém, mediante tudo isso, o egoísmo ainda é o único caminho para a felicidade, pois o egoísmo é o primeiro princípio o qual a humanidade possui, nascemos geneticamente ligados a ele. Por isso o egoísmo sozinho não pode ser considerado uma virtude, pois dessa forma não está provido do equilíbrio que traz sensatez, acredita-se que a racionalidade proporciona esse equilíbrio. Por outro lado, entre todos estes fatores, também não podemos dizer que o egoísmo é mal por ocasionar o maligno, o egoísmo não é responsável por isso, o desequilíbrio sim é o verdadeiro responsável.

Como vimos no decorrer do texto são muitos os fatores a serem considerados acerca desta temática. É tão complexo que precisamos de complementos para consumir o pensamento, quem imaginou que até os animais são egoístas? Chegamos em uma posição em que se conclui que *todos* os seres vivos possuem esse juízo. Quando falamos em fatores a referência é sobre a existência da imensidão aleatória de valores existentes no mundo. Religião, política, amizade, amor, casamento, altruísmo ou qualquer tipo de crença que qualquer indivíduo possa possuir, todas elas possuem sua fonte neste princípio. Por isso não é sensato colocar, e isso vem sendo colocado por anos, que o egoísmo é algo ruim. O egoísmo, deve ser refletido, pois no fim ele acaba por carregar culpas injustamente.

O ponto onde queremos chegar é na verdade bem simples de se entender. Antes mesmo de sermos concebidos até o dia da morte nossos movimentos são baseados em interesses cujo princípio está extremamente relacionado a um auto interesse, por mais que não possamos aceitar. Por acaso parece ser sentido julgamentos que destratam alguém simplesmente pela divergência de seu pensamento, tom de pele, ou opção sexual? Isso não só não é sensato como também é algo monstruoso, diversas doutrinas que trouxeram caos e destruição tiveram esse princípio. E por que não é justo culpar o egoísmo por tudo isso? O homem e somente ele tem uma ferramenta que pode o ajudar a ser diferente de todos os outros seres, tem vantagem sobre eles e pode progredir em busca de sua felicidade, pelo menos em teoria, de forma mais fácil, ele tem a habilidade de refletir sobre as coisas, eles tem a capacidade de raciocinar, mas algo os impedem de fazer isso e ainda aparentam mais desvantagens que os demais seres cuja habilidade da reflexão não possuem.

Desta forma, concluímos que não basta quereremos ser boas pessoas que fazem o bem sempre. O bem, este como sendo uma questão de perspectiva, nem sempre será o mesmo para todos. O que a humanidade necessita é usar a ferramenta mais importante que possui, sua habilidade mais virtuosa, a reflexão. Sem ela você percorrerá esse caminho pensando está buscando algo, mas, como a grande maioria, só estará contribuindo para que uma mente mais habilidosa e menos piedosa que a sua prospere. Todos nós somos egoístas, mas nem todos são sensatos.

REFERÊNCIAS

STIRNER, Max. **O único e a sua propriedade**. Editora: Martins Fontes - selo Martins - 2009

KASSICK, Clovis. **A filosofia do Eu**. Editora: Achiamé - 2005

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

RAND, Ayn. **A virtude do egoísmo**. Tradução: On line-assessoria em idiomas: Ed. Ortiz S/A, Avenida Júlio de Castilhos, SP, 1991.

FROMM, Erich. **TER OU SER?**. 4ª Ed. Guanabara Koogan. Travessa do ouvidor, 11. Rio de Janeiro, RJ – 1987

STINER, Max. **O único e sua propriedade**. Tradução: João Barreto. Ed. Antígona, Rua da Trindade, 2004.

SÊNECA, Aneu. **Da tranquilidade da Alma**. Tradução: L&PM Editores. Rua Comendador Coruja 314, Porto Alegre – RS, 2009.

SÊNECA, Aneu. **A constância do Sábio**. Tradução: Luiz Feracine. Editora Escala. Av. Profª Kolb, 551 – Casa Verde – São Paulo – SP.

RICARD, Matthieu. **A revolução do altruísmo**. Tradução – Inês Polegato. – São Paulo: Ed. Palas Athena, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. Tradução: André Díspore Cancian. eBooksBrasil.org, 2002.

DAWKINS, Richard; **O gene egoísta**; Ed. Companhia das letras, 2017; Edição para Ebook

DARWIN, Charles; **A origem das espécies**; Ed. Martin Claret; Edição: 1, 2014.